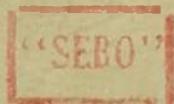
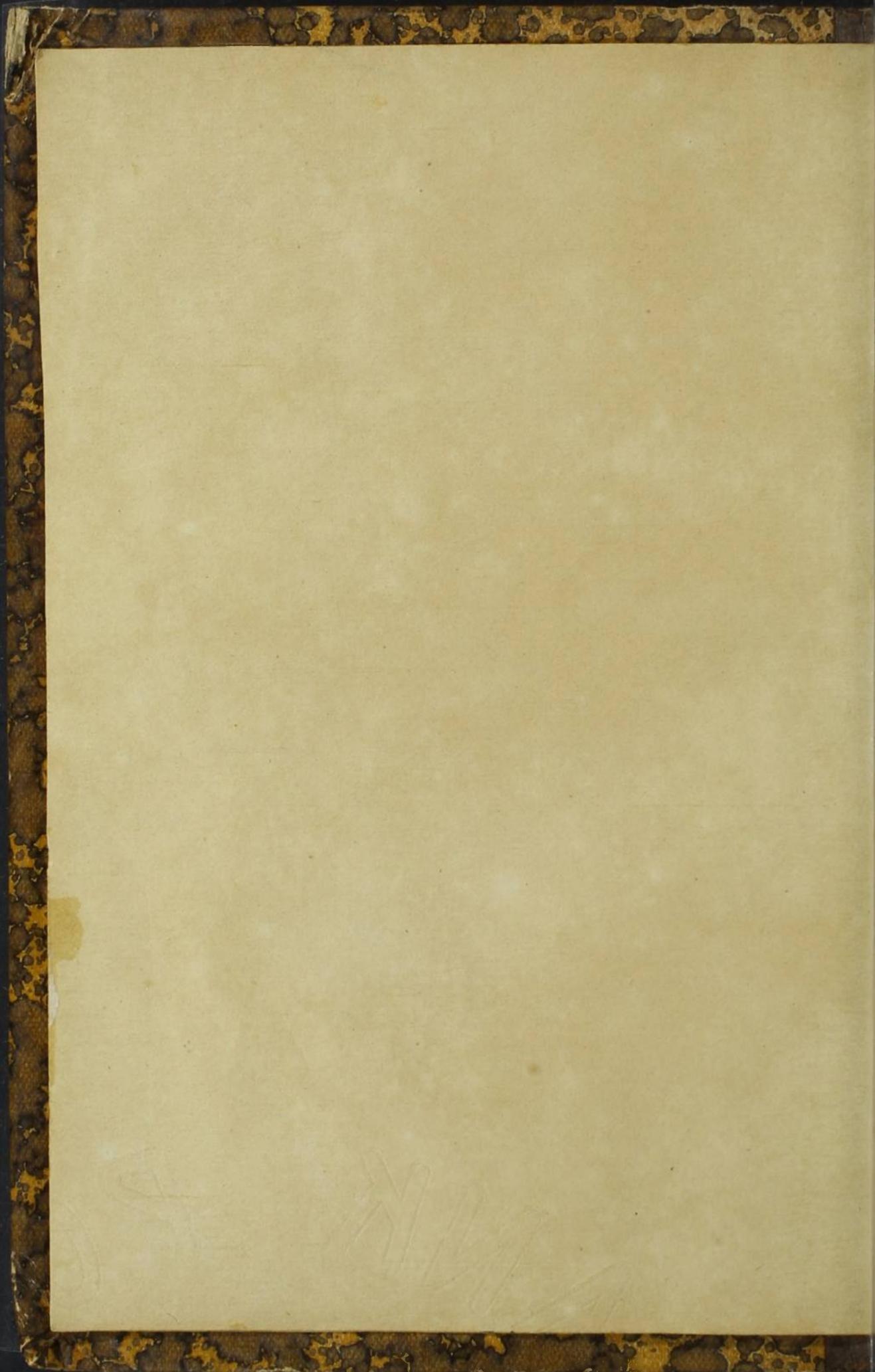


LIVRARIA
BRANDÃO



F. 24171-R. do Hospi-
cio, 314 - Recife



*Ass
Chil*

APONTAMENTOS
PARA A HISTORIA DA LITTERATURA BRAZILHIRA
NO SECULO XIX

A

LITTERATURA BRAZILEIRA

E

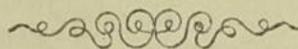
A CRITICA MODERNA

ENSAIO DE GENERALISAÇÃO

POR

Sylvia Romero

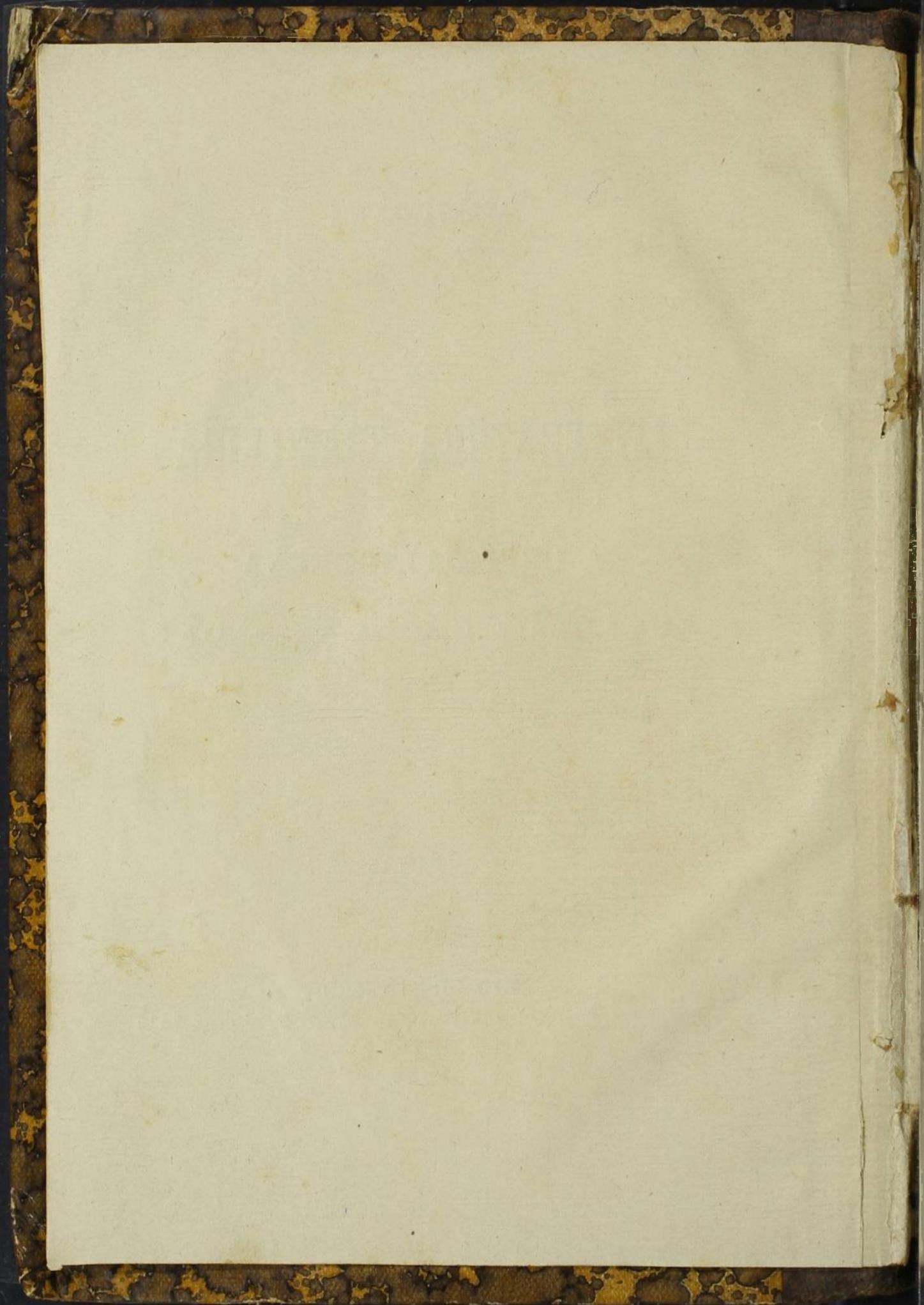
L. P. Romberg



RIO DE JANEIRO

IMPRESA INDUSTRIAL — DE JOÃO PAULO FERREIRA DIAS
75 — RUA DA AJUDA — 75

1880



INTRODUCCÃO

Não deixa de ser cousa perigosa o publicar neste paiz um livro de critica.

Além da falta absoluta que existe aqui desta sciencia e disciplina do espirito, accresce que os nossos ledores, grandes e pequenos, como bons burguezes, estão tranquillissimos com tudo quanto os cerca, e repellem soberbamente aquillo que os possa perturbar.

Seus prejuizos contra o espirito critico, quando pretendem revestir-se de um aspecto serio, resumem-se nisto: « este paiz é novo,

e sua litteratura nascente ; a critica longe de aco-
roçoar desanima ; ella é, pois, muito preju-
dicial. » E' cousa que se me tem repetido
algumas duzias de vezes. O desparate é trans-
parente. Aquillo envolve uma falsa idéa do
que seja a nova sciencia de criticar, sua força
e seu alcance. Em que póde prejudicar ao
desenvolvimento espirital de um povo o es-
tudo que mostre-lhe quaes as suas conquistas
historicas e suas aptidões immanentes ? Longe
de ser-lhe nocivo, é-lhe de todo animador ;
e, para mostral-o, basta lembrar o exemplo
da Allemanha, cuja litteratura tomou o so-
berbo ascendente, que a distingue, fundada
na critica, depois do grande movimento pro-
vocado por Lessing.

A nós que temos vivido de contrafações
indigestas, a nós que não temos vida propria,
que somos um dos povos mais deteriorados
do globo ; que, especie de contrabandistas do
pensamento, não temos a força das grandes

conquistas e das grandes verdades da sciencia, só a critica, a tão desdenhada critica, nos póde preparar um futuro melhor.

Ella, aqui, não deve limitar-se ao empenho de mostrar o largo caminho que nos cumpre trilhar; deve, antes de tudo, desobstruir o terreno, juncado de velhos preconceitos e falsidades; deve alçar o latego destruidor e desfazer as *legendas*, para afirmar a luz.

Neste ponto interrompe-me um pobre de espirito: « mas isto é escrever com paixão; é ser bilioso... » A phrase é da moda; mas não cheira bem.

Sim, é escrever com paixão, isto é, com pureza e verdade; é ser apaixonado, isto é, ter a nobreza das boas convicções e a fé dos bons estimulos.

Para certa gente, escrever sem paixão eu sei o que quer dizer: — é faltar á consciencia e á dignidade, ter a cabeça cheia de parvoices, que se derramam sobre o papel; é

chafurdar se constantemente no pestilento pelago dos *elogios* mentidos e das bajulações indecorosas. Escrever sem paixão é repetir, em todos os tons possíveis, as velhas phrases louvaminheiras, que povoaram este paiz de genios e de prodigios, de sabios e de brilhantes; genios e sabios em alguns mediocres, que nos têm dado uns *folhetins*... prodigios e brilhantes—alcatifando os nossos rios *gigantescos* e as nossas selvas *seculares*...

Quem ousa desafinar no meio do geral concerto, é apontado nada menos do que como « um *invejoso* das glorias alheias. »

A inveja vem a ser assim o incentivo que dirige o critico no Brazil!...

Em que vale, portanto, o sacrificio de proclamar a verdade a este povo, correndo o risco de ser apontado como o possuidor de um sentimento repugnante?

Em nada.

Resta, porém, sempre a consolação de haver

contribuido com alguma cousa para derrocar o podre edificio de velhos erros, e limpar a atmospherá que nos suffoca. Dil-o-hei, pois:

A vida espirital brazileira é pobre e mesquinha, desconceituada e banal para quem sabe pensar á luz de novos principios.— Aferida pelo moderno methodo de comparação, inaugurado ha muito nas litteraturas européas, ostenta-se caprichosamente esteril. A' força de desprezarmos a corrente de nossa propria historia e pormo-nos fóra do curso das idéas livres, eis-nos chegados ao ponto de não passarmos de infimos glozadores das vulgaridades luzas e francezas; eis-nos dando o espectáculo de um povo que não pensa e produz por si.

Todos os nossos pequeninos movimentos litterarios são eloquentes para attestal-o.

Basta considerar, por agora, a renovação romantica deste seculo com seu fructo predilecto, — o *indianismo*. Nas grandes nações da

Europa, como a Inglaterra e a Allemanha, o romantismo foi, em parte, uma volta aos sentimentos populares, uma resurreição do passado no que elle tinha de mais aproveitavel. Não assim entre nós.

O nosso velho lyrismo, com sua veia epygrammatica, que teve um cultor em Gregorio de Mattos, e um representante em Gonzaga, foi esquecido. A velha *modinha* foi abandonada; seu alcance desdenhado, sua musica preterida, e as imitações francezas nos assoberbaram. Desprezada a vida historica, atiramo-nos aos desvarios do ultra-romantismo posterior á revolução de Julho, com todos os seus enganos emeticulosas fascinações. A critica não nos ensinou a produzir; os elementos da nossa historia e do nosso pensamento não foram elucidados. O papel dos tres concurrentes da nossa população não foi indicado, e um falso sentimento de nacionalidade jogou-nos para o coboclo, e glorificamol-o.

Comprehendo que na aridez do seculo passado, quando a litteratura da metropole dava o triste espectaculo de homens que acalentavam phrases e tropos rhetoricos, julgando produzir idéas, comprehendo que, então, dous homens de talento elevado, Durão e Bazilio, escrevendo na Europa, voltados para a patria e approximando-se da natureza, nos decantassem o selvagem.

A romantica brasileira, porém, que não entendeu nem a Bazilio, nem a Durão, apostou-se a desdenhar os outros elementos da vida nacional, concentrando-a exclusivamente no caboclo.

Eis toda a falsidade.

Nossa poesia popular não foi estudada; nossas lendas, nossos costumes ficaram despercebidos; a sciencia da critica, que renovára o antigo terreno da philologia, das creações mythologicas e religiosas, o antigo terreno das

primeiras manifestações humanas, nos ficou de todo fóra do alcance.

Dizem que um dos meritos do movimento romantico europeu é haver contribuido para tão fecunda renovação.

No Brazil passaram-se as cousas diversamente. A romantica brazileira teve o prestigio de falsificar e obscurecer o estudo de nossas origens, e accumular trevas sobre os tres primeiros seculos de nossa existencia.

Aquelles que, como o escriptor destas linhas, pretendem preparar o balanço do que fomos para indiçar o que devemos fazer na hora actual, são espiritos que de todo romperam com as tradições do desconceituado systema.

Atravessamos uma epocha de crise para o pensamento nacional: na politica e na litteratura o momento é grave. N'uma, como n'outra, nos falta a força propria. Bem como na ordem social nos falha a vida do municipio e a dignidade do trabalho independente,

assim nas letras fallece-nos o peso das convicções maduras e a sublime audacia dos espiritos emancipados.

E, todavia, é força dizel-o, a velha romantica brazileira, com seu indianismo; a pobre philosophia que nos ensinam, com suas sophisticarias indignas, estão mortas, como desacreditados se acham os dous bandos politicos, que tanto nos hão degradado. E é mister caminhar... O futuro, pois, deste povo não está nos poetas decrepitos, que lhe insuflam os máos instinctos; nos seus romancistas fabulistas, que lhe desnorteam o criterio; nos seus parlamentos e ministros, que o degradam e conspurcam com a mentira; nos seus grandes magicos, que sabem todas as linguas e todas as sciencias...

O futuro deste paiz deve estar nas convicções sinceras, nos caracteres intransigentes, sacrificados á honra, disseminados por ahi além, desdenhados pelos poderosos do dia, e

que ousam dizer a verdade ao povo, como— ao rei; não a pretendida verdade dos declamadores; mas a verdade da historia, a verdade da sciencia.

Pelo que me toca, ella é — *Mein Eins und Alles*, na phrase do poeta. Isto só me basta. Estou acostumado com o abandono e o desdem.

Para concluir :

Os differentes capitulos que formam este opusculo, fôram quasi todos, em epochas diversas, publicados no Recife e recebidos com indifferença por uns, e com indignação por outros. Fiquei satisfeito... Hoje que apparecem formando o seu corpo natural n'um volume, desejo-lhes o mesmo acolhimento. Isto para mim é um symptoma; neste paiz aquillo que muito agrada, tenho a certeza de que não presta.

Este pequeno volume faz parte de uma série de trabalhos meus, apparecidos pela mór parte

na imprensa provinciana, e que agora vão sahindo em livros, sob a designação — *Oito Annos de Jornalismo*.

A *Philosophia no Brazil*, já publicada, é o primeiro volume da série, a que também pertencem os *Cantos do Fim do Seculo*, já apparecidos, e outras obras, que seguir-se-hão. São trabalhos escriptos e publicados para occorrer ás necessidades da collaboração jornalística, durante oito annos (1869 — 1876), que vivi em Pernambuco.

Hoje, passando por indispensaveis alterações, apparecem formando cada um seu todo compacto e natural. E' que o pensamento de dar-lhes, opportunamente, essa fórma, presidiu á sua confecção.

Possa a circumstancia de que foram todos elles escriptos entre os dezoito e os vinte e cinco annos, isto é, feitos por um moço, ainda naquelle tempo, com a alma cheia de todas as

santas illusões da idade dos sonhos, servilhes de desculpa aos defeitos, si é que, *non le plus esclave, mais le plus valet de tous les peuples*, para fallar com P. L. Courrier, sente ainda algum pendor para a equidade.

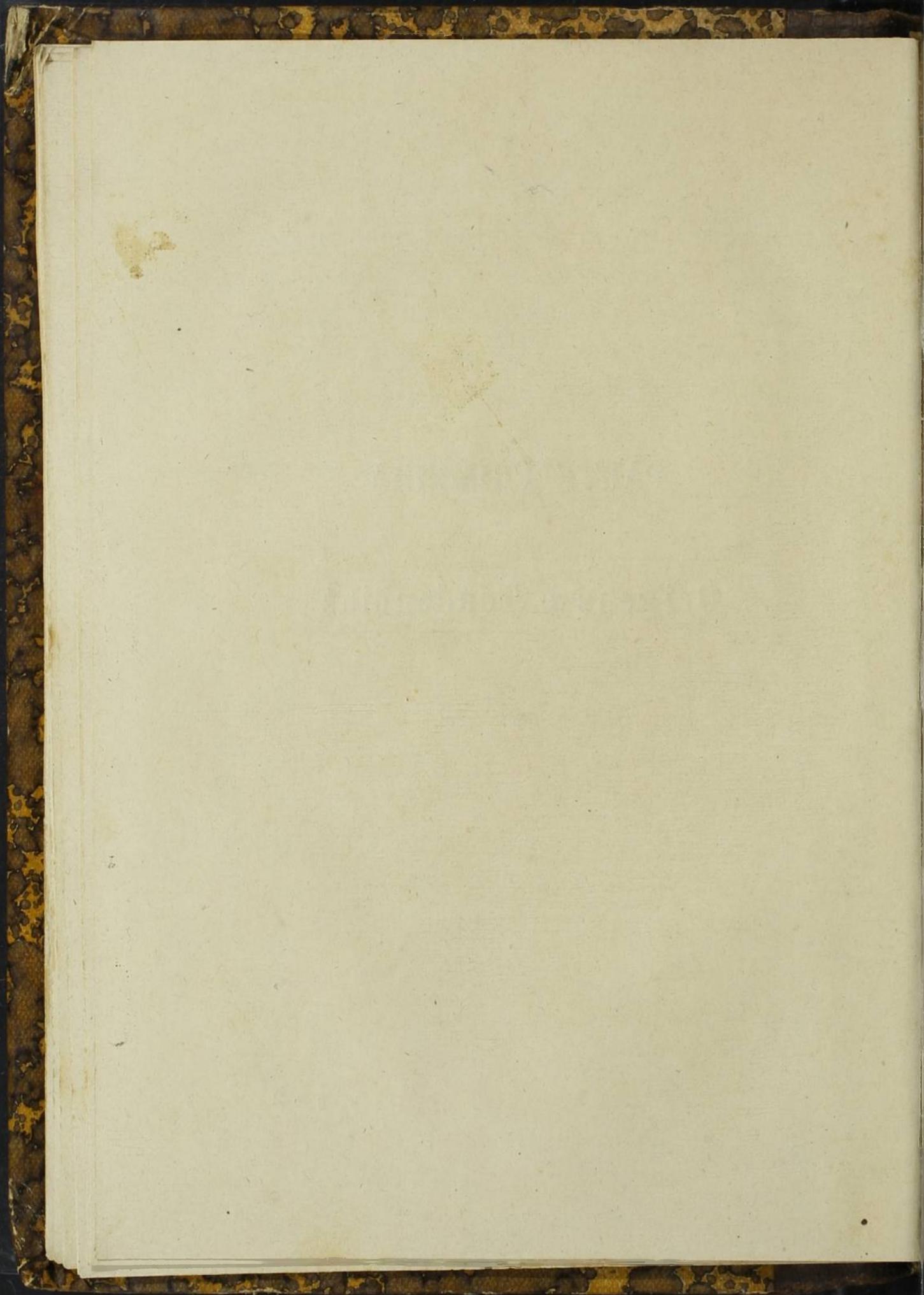
Fevereiro de 1880.



PARTE PRIMEIRA

Origens e Tendencias





I

A Raça

Ha dous grandes motores que podem' pesar fortemente na feitura de um caracter nacional: a natureza e a agglomeração de populações distinctas.

Os povos modificam-se pela natureza que os cerca; mas, para isto, são necessarios muitos seculos.

As velhas populações, que, ainda barbaras, no periodo primitivo da historia, ou antes d'elle, emigraram dos centros em que outr'ora se achavam, e assentaram-se em regiões differentes, viram-se pouco a pouco alterar por ellas.

Basta lembrar o immenso fraccionamento da grande raça dos Aryás para a India, para a Persia, para a Grecia, para a Italia, para o Norte da Europa...

Às primeiras emigrações seguiram-se outras; elementos diversos foram dando mais vigor á geração que surgia da mistura; os seculos passaram, e as várias porções de uma mesma familia tomaram differentes inclinações, e sob o influxo de idéas diversas, oriundas da natureza que as cercava, crearam civilisações distinctas.

Isto não se deu com a população brasileira. — Somos um povo moderno, oriundo de outro tambem comparativamente novo e civilisado. Os portuguezes trouxeram para a sua vasta colonia sua lingua adiantada, que ia contar Camões, sua religião, que os apologistas apontam como a mais fecunda auctora da civilisação européa, e suas instituições já maduras.

Nossos genuínos progenitores estavam n'um período brilhante de sua história. Na ordem política, era uma época de fulgor; nas letras, o brilho também refulgia. Os conquistadores, direi melhor, os colonisadores trouxeram á terra americana suas tradições de grandeza, seus costumes polidos. Na altura em que se achavam não seriam tres séculos que os fariam mudar de rumo.

A história falla, porém, na degradação dos primeiros germens do povo brasileiro... Por mais descidos que fossem na escala social e moral os primeiros europeus que aqui se estabeleceram, eram todavia bastante civilizados para esquecerem no andar de tão diminuto tempo os velhos principios radicados em sua alma por uma educação adiantada.

Os seus descendentes não puderam, pois, apparecer mudados, diversos, da origem de que dimanavam.

O tempo não deu ainda largas á natureza

para uma transformação completa, que tambem bastante difficultará uma civilisação já firmada.

A raça selvagem foi, por outro lado, muito impotente para o trabalho de que fallo.

Os historiadores brazileiros tem-se descuidado de delinear profundamente as origens de nossa população. (1) O que têm escripto dos

(1) Entre nós o problema historico das raças que formaram a população do paiz, foi discutido com mais acrimonia do que verdade.

Gonçalves Dias na *Introdução aos Annaes de Berredo* e na memoria — *O Brazil e a Oceania* retrata a historia das luctas dos europeus e indigenas, faz a apothese destes ultimos, declara que a nossa grandeza é a delles, que nossa vida de agora deve ser a rehabilitação da tupi!! O Sr. Gonçalves de Magalhães na memoria — *Os Indigenas do Brazil perante a Historia* toma identica direcção.

Foram sympathias de poetas que uma critica mais exacta devia corregir...

O Sr. Adolpho Varnhagen na *Historia Geral do Brazil* deifica o portuguez e diz inexactidões bem graves sobre os indios, que, ainda hoje, a seu ver, devem ser levados pela guerra á escravidão.

Francisco Lisboa nos *Apontamentos para a Historia do Maranhão* corrige os sonhos de G. Dias e as aberrações do Sr. Varnhagen. E' que o prosador maranhense teve em grão mais subido do que os outros o sentimento da historia, que em suas mãos mostra-nos o desapparecimento do caboclo, sua pouca influencia na população actual e a victoria do portuguez certa, porém manchada de atrocidades.

índios é esteril ou erroneo. Não tracto de seu desconhecimento desculpavel das tribus selvagens primitivas e até das existentes no seculo XVI.

Lembro que ha nelles uma grande lacuna: as relações dos dous povos não estão assentadas; a parte de influencia do índio na população não está apontada. Não é tudo. Ao lê-los, afigura-se-nos na imaginação que os europeus encontraram uma vasta região povoadissima de tribus caboclas, que estavam seguramente estabelecidas e em um gráo de cultura promettedor; que muitas, ao primeiro choque de estranhos, sumiram-se na vastidão das matas e partiram para não sei que longinquas regiões, e muitas outras foram convertidas ao christianismo e incorporadas, como escravas ou alliadas, aos bandos de aventureiros que a Europa nos mandava... Tudo ahi é vasto da vastidão da ignorancia.

O erro é manifesto.

Por mais exactas que lhes pareçam as primeiras narrações de imaginosos chronistas sobre o numeroso e adiantado da população tapuia, os factos as desmentem.

Esqueceu-lhes que os selvagens de nosso paiz estavam no gráo de atrazo do homem geologico, o homem da idade de pedra, não podendo ser muito numerosos. Esqueceu-lhes que elles não podiam ter uma religião, que reconhecesse um Ser-Supremo; tão pouco uma poesia, como assoalham.

O contrario é desdenhar ou desconhecer os achados da critica moderna, que assignala os differentes periodos da formação das mythologias, das religiões e da poesia.

Umás tribus desgarradas pelos desertos e matas, vivendo da caça e guerreando-se, e outras reunidas em pauperrimas palhoças, sem uma industria assignalavel, usando da pedra para utensilios, como o homem das cavernas, sem tradições, sem heróes, sem historia, não

podiam possuir a noção da individualidade do Ser-Superior, como não podiam ter uma poesia.

Estavam pouco além da epocha de puro naturalismo em que o terror faz crer que as nuvens, os trovões (*tupan*), as tempestades são seres terríveis que se combatem, entidades ferozes, que se devem respeitar. Então, o homem é bastante selvagem para crear uma poesia. Só nos periodos seguintes: no em que os deuses estão quasi na altura de heróes, e os heróes na altura de deuses, tempo do anthropomorphismo e da apotheose, e no da concepção de um Ser-Superior, é ella possível.

E' evidente que o caboclo não estava nos dous derradeiros casos. Fôra-lhe necessario possuir, no ultimo, um notavel aperfeiçoamento na esphera das idéas, e no primeiro uma mythologia completa e variada, e uma tradição fecunda com seus heróes.

Esqueceu-lhes que o pouco de recordações que deixaram os aborigenes prova a sua sel-

vageria, como seus pequenos vestígios na população demonstram o erro quanto ao seu numero.

E' um facto estranho na historia o de um grande povo senhor de uma vasta região, que, em menos de quatro seculos, desapparece sem deixar vestígios profundos de sua estada, e mais estranho ainda é este desapparecimento, esta morte, não nos campos de batalhas, mas no desconhecido de uma retirada phantastica!

Esqueceu-lhes, enfim, que a lingua nossa não attesta tambem muitas impressões apreciaveis devidas ao caboclo. Fallamos o portuguez, que nossos progenitores nos legaram, com poucas alterações oriundas dos dialectos selvagens.

Não são muitas as emigrações da lingua tupi que o vieram perturbar. Nem, certamente, os nomes proprios de familias mostram grande cópia de palavras daquella origem.

Existem apenas algumas denominando certas de nossas montanhas, varios de nossos rios ;

em plantas, animaes e significando alguns objectos de uso.

Os bandos de *africanos* de origem diversa que concorreram directamente para avultar esta nação, tiveram, para isto, mais vigor do que os indios.

Existem em massa n'uma porção de descendentes seus, existem entrelaçados com os europeus e indios, no typo variadissimo do *mestiço*, e existem natos de seu ardente paiz.

Ha a mesma lacuna dos historiadores para com o preto, certamente mais séria, pois influuiu elle muito mais na estructura de nosso character do que o seu concurrente tapuio.

O que quer que notardes de diverso entre o brasileiro e o seu ascendente europeu attribui-o em sua maxima parte ao preto. Sob o imperio, até hoje, da legislação civil portugueza, o character nacional não poude contar outro agente que mais se estampasse em sua moldura.

Raros e diminutos foram os primeiros bandos de colonisadores. Ignorantes, ao lado do caboclo e mais tarde do africano, ainda mais ignorantes do que elles, protrahiram por tres seculos n'um estado de atrazo intellectual e de acanhamento de progresso material a colonia portugueza, que só nos fins do seculo passado tinha de mostrar alguma florescencia, sob o influxo de um regimen mais sabio. Fôra então que puderam ser lançadas as primeiras e fragilissimas bases de nossas letras.

Procurae nos seculos XVI e XVII manifestações sérias da intelligencia colonial, e as não achareis. A totalidade da população, sem saber, sem grandezas, sem glorias, nem siquer estava nesse periodo de barbara fecundidade, em que os povos intelligentes amalgamam os elementos das suas vastas epopéas.

Procurae, portanto, uma poesia popular brazileira, que bem mereça este nome, naquella

epoca, e, como ainda hoje, correreis quasi atraz do absurdo.

Os pobres vassallos da corôa portugueza não tinham tradições; eram um como fragmento do pequeno edificio da metropole atirado em o Novo-Mundo, onde cahiu aos pedaços e perdeu a memoria do logar em que servia. Só mais tarde os brazileiros puderam contar compatriotas melhores, que foram os seus primeiros escriptores.

Está ainda por escrever a historia brazileira dos seculos coloniaes. Em logar da narrativa das direcções que foram tomando as diversas camadas da população e da ordem futuras, em vez do desenho do pensamento de um povo que ia crescendo, temos o motte, sempre mal glozado, das virtudes dos *Governadores* e do numero dos *Jesuitas* que chegavam.

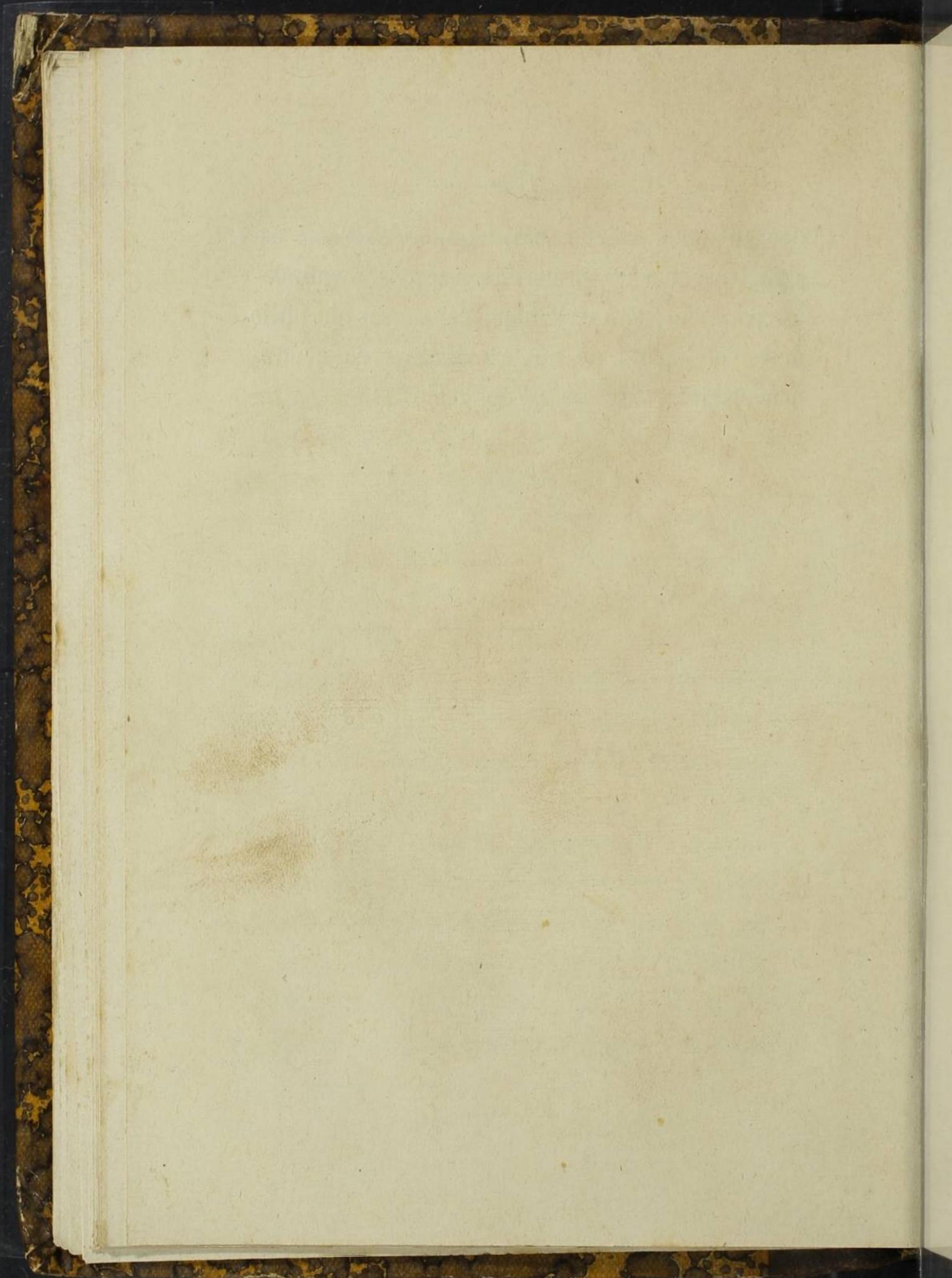
Tenho indicado que o brazileiro ficou até aqui um quasi retrato do portuguez. A natureza, como agente de transformações, pouco ha feito

para alteral-o, tendo de luctar contra a estreiteza do tempo e contra a civilisação européa. O caboclo, typo quasi perdido que vae se esvaeendo cada vez mais, mui fracamente contribuiu tambem neste sentido. O africano rebelde aos progressos intellectuaes, tem alterado, sem muita vantagem, nossa physionomia preterita.

Do consorcio, pois, de velha população latina, beatamente atrazada, beatamente infecunda, e de selvagens africanos, estupidamente indolentes, estupidamente talhados para escravos, surgiu, na maxima parte, este povo, que se diz, que se suppõe grande, porque possue, entre outras maravilhas, « o mais bello paiz do mundo .!... »

E' necessario buscar na historia as condições de sua cultura, de sua civilisação. Indicar os elementos diversos e concurrentes que formaram seu pensamento, mostrar a marcha que seguiram, pesar-lhes o valor, é bem diferente do simples indagar do estado hodierno

de seu lavor intellectual. Assim devêra-se assignalar por suas preteritas posições, seguindo-as passo a passo até hoje, as causas do nullo desenvolvimento de nossas lettras e da nenhuma originalidade de nosso genio.



II

A Direcção

Tem razão Jouffroy, quando assegura que do mundo europeu surgirá o mundo americano-europeu, ultimo assento da humanidade na sua lucta de civilisação, na sua porfia de apasiguamento geral. (2)

A America, com seu genio turbulento e vivo, mostra querer vencer de um só impeto; com seu vigôr de selvagem, querer segurar a prêa de uma só vez. Para o vasto golphão humano levou seu espirito mais livre que o do

(2) *Mélanges Philosophiques*, pag. 70.

européu, a sua superficialidade mais altiva que a segurança dubitativa daquelle. A America tem acompanhado o movimento revolucionario moderno, em que é co-auctora. Todas as nações americanas contam seus espiritos eminentes. Os Estados-Unidos têm verdadeiras notabilidades.

Nós outros só temos *poetas*; fallar aqui em sabios seria uma cousa extravagante.

A' qualquer vista, até desprevenida, facilmente se destacam entre nós duas categorias de poetas, duas formulas de poesia distinctas. De um lado, agitação dolente, sêde de infortunios mais livres; santa concentração, quietitude conservadora, de outro: eis ahi duas direcções bem pronunciadas do genio brasileiro, que não podem ficar entregues á solução de méros gracejos de inclinações mal definidas, e das quaes a vida de nossa historia litteraria deve ter força bastante para revelar o intimo.

Não é só a velha lei dos espiritos: a coragem febricitante e incerta dos livres, e o receio cauteloso e seguro dos timoratos de sempre. — E' ella e mais alguma cousa de personalissimo á nós. E' aquella lei modificada, estreitada na arena suffocante de nossa vida individual de nação, ou, para empregar uma phrase, o relampago ou a nuvem das almas fortes ou timidas, guardados, opprimidos no curto pensamento de um paiz noviço.

Não é o spectaculo ordinario da inquietação ou da serenidade do espirito, procurando evaporar-se n'um suspiro, ou n'um sorriso de poeta. E' uma posição especialissima, creada pelas necessidades de nossa historia, pelas preocupações contradictorias do espirito nacional *atrazado* e das expansões *velozes* do seculo.

A razão é simples. Povo sujeito até pouco, sem vida laboriosa de pensamento, ensombrado por uma ignorancia vetusta, só ouvimos um novo mysterio com os delirios do

inesperto, ou só aceitamos as novas idéas por imitação. Não produzimos por nós. Sujeição pelo passado e pela educação presente, pouco saber, para sentir o que é proprio e pessoal, eis ahí os motivos do esphyngue que suffocou um grupo de adoradores crianças, e da fada mediocre que illudiu a tantos scismadores senis.

No principio deste seculo só sabiamos a palavra que o padre estrangeiro e atrazado nos ensinava; tivemos o nosso tempo de *pregadores*, a nossa côrte religiosa e devota. A poesia foi tambem *religiosa e devota*.

Um sentimento de patria começou então a agitar-se. Ainda pouco radicado, voltou-se para os indios primitivos. Tivemos a poesia *caboclo-braziliana*.

Mas a religião e o caboclo não eram tão vastos para fallar sempre de todos os encantos; foi preciso supprir, mas onde o genio para isto? Este não tinha ainda encontrado a

propria visão, a propria *idéa* que lhe dêsse vida. Nascêra a poesia *imitadora e sceptica*.

Estas tres expressões da passada poesia brasileira ainda não morreram; a de hoje é a continuação daquelle triplice ensaio. E' assim, que em tempos mais proximos entre os que seguiram o canto religioso ou o indigena, os mais estereis, estão Magalhães e G. Dias; entre os extenuados pela falha de originalidade, a braços com as aspirações *novas*, os mais fecundos, notamos Alvares de Azevedo. — São tres espiritos notaveis das lettras brasileiras. Importa consideral-os pelo *fundo* de suas idéas, convem, sobretudo, saber que idéas *novas* trouxeram ao seio da litteratura de seu paiz: uma idéa nova, esse titulo que não morre, prestigio unico que apega consideração a escriptores!

Dizem que o grande feito de Magalhães é haver introduzido no Brazil o *romantismo*. Não duvidarei; mas parece-me que o enten-

deu mal. A seu ver, foi aquelle a exclusão das pinturas pagãs na poesia nova, para dar logar ao christianismo, e sómente ao christianismo. (3)

Este modo de explicar essa revolução litteraria moderna é ainda mais estreito do que a que a explica pelo triumpho do individualismo, suffocado até então pela classica dictadura.

A romantica não esteve na successão de pinturas de uma religião por quadros de uma outra : foi antes de tudo uma questão de *descentralisação* litteraria.

Não se distinguia da poesia classica pelos assumptos, e, talvez, pela fórma. Separara-se tanto della por ahi, quanto da poesia vedica, biblica, ou dos Eddas do Norte. Não foi a escolha de um assumpto que a individualisou dos outros systemas poeticos. Poude fallar

(3) *Suspiros Poeticos*, pag. 12 do prologo.

com todos e só personalisar-se, tornando-se assim generica, universal, cosmopolitica.

Sua caracteristica está na universalidade de suas vistas, na comprehensão que a tudo dera, desde o mais grosseiro instincto do *selvagem americano* até a mais alta idealisação de uma ficção *grega ou hebraica*.

Como pois significar-a pela religiosidade christã? Si tal fôra, os seus maiores poetas ficariam inexplicaveis.

Demais, a poesia tende a abandonar a religião, que se vae transfigurando debaixo do peso da philosophia e da critica, e a arte em geral é que ficará em todo o tempo para nos fallar ao sentimento esthetico. Magalhães enganará-se.

Asseguram que Gonçalves Dias creou uma poesia nacional para o Brazil. Pudéra apresentar antecedencias reaes que lhe tiram esta honra; só mostrarei que laborou n'um equivoco.

O tempo da criação de litteraturas profundamente nacionaes já havia passado, como passou o tempo das grandes epopéas e das grandes engendrações religiosas.

O verdadeiro poeta deixa hoje apenas presentir o seu paiz no vasto e fecundo cosmopolitismo do ideal. E' que não se lembra si é d'aqui ou d'além; é que a sombra do ceu que o fitou ao nascer, é uma impregnação; perfuma-o sempre, ou quando enlouquece-o e suffoca no *Apocalypse*, ou quando o faz arrancar do passado a *Legenda dos Seculos*.

A chamada poesia indiana é uma poesia biforme, que não é brasileira nem indigena. A raça selvagem, com todos os encantos e allucinações do homem criança, virgem e travessamente agradável, com todos os apparentes effluvios de poesia immensa, é hoje vulto mudo a esvahir-se no centro de nossa vida, no marulho de nossa civilisação. Não quiz ou não pode sentir as agitações de

um outro viver, escutar o ruido de uma formula de anceios, de liberdade, de crenças, que a turba, ás vezes tyrannica, dos conquistadores lhe quiz fazer entender.

A raça selvagem está morta. Não temos nada mais a temer ou a esperar della. O colono europeu não teve que dar grandes batalhas com um inimigo tenaz; mas que presenciar o desfilar triste, compungidor, da multidão selvaticamente bôa e sympathica dos adoradores de Tupan. Todos conhecem os poucos casos de resistencia da parte do indio, todos se lembram da retirada phantasiosa de Japy-Assú á frente das tribus do interior, que só pararam, diz, a lenda, diante do Amazonas, força mais valente para as fazer suster.

O espectaculo é triste. Aquelle povo não tinha o sentimento profundo e apaixonado da patria; não palpitava nelle, ao menos, o valor de heróes, que inspirára uma pagina bella da historia da Grecia, a dignidade de fugir

combatendo, que nobilitou a retirada dos *Dez Mil!*

Ainda hoje foge diante da civilização. Como que uma lei desconhecida o repelle para longe de nossas instituições; parece que *Anhangá* borrifou sobre elle todas as lagrimas da desgraça!

O indio não representa entre nós o que em França significava o velho fundo de população gauleza, o terceiro estado, o povo que fez a Revolução. (4)

Embalde se procurará um serio e fecundo principio social e civil deixado por elle. Em muito pouco modificou o genio, o character dos conquistadores.

Parece singular a quem não attende ao nosso intimo, e, todavia, somos ainda muito parecidos

(4) Thierry, *Lettres sur l'Histoire de France*, passim.

com os nossos legitimos progenitores. Temos a mesma indole melancholica e vagarosa, o mesmo instincto de servidão do colono portuguez. A razão está, me parece, nesta lei historica da conquista da America: tanto mais civilisada era a população indigena, quanto resestia e deixava vestigios. As dominações dos imperios adiantados do Mexico por Cortes, do Perú por Pizarro e a do selvatico Brazil a confirmam.

Um povo que fugiu, difficilmente poderia deixar impressos no vulto do que lhe occupou o logar os seus toques, ainda os mais decisivos. O indio não é o brasileiro. O que este sente, o que busca, o que espera, o que crê— não é o que sentia, cria, ou buscava aquelle. São, portanto, o genio, a força primaria do *brazileiro* e não os do gentio que devem constituir a poesia, a litteratura nacional.

O indio não deixou uma historia por onde procurassemos reviver sua physionomia perdida.

Não póde dar-nos, por exemplo, o romance historico propriamente tal. Não conhecemos a sua vida *intima*. E o que hão no fundo revelado sobre elle quantos os têm estudado nos seus romances, nos seus poemas? O que têm dito se reduz a uma exposição de usanças meramente exteriores, conhecidas desde o seculo XVI, e que todos trajam de um só modo !!..

Argumentam com F. Cooper: é um grave equivoco. A gloria do romancista americano provém propriamente de seu estylo vivo e penetrante; não de haver descripto a estatura do selvagem, no que ficou atraz de Agostinho Thierry, no pensar de Guizot. (5) Ninguem tomará, certamente, o pinturista historiador francez por um poeta *anglo-saxonio* ou *normando*. Cooper tambem nada mostra de caboclo. Foi, talvez, mais feliz nos seus romances de marinha. Não creou uma

(5) *Civilisation en Europe*, pag. 60.

litteratura para a sua patria, por haver fallado de selvagens ; Chateaubriand o precedeu e tão pouco a creára para lá ou para a França. Por seu talento vivaz, o americano imprimiu ao romance historico uma côr animada, que Walter Scott lhe não déra, e nada mais. Será o creador da litteratura do seu paiz por outros serviços, não por fallar de cablucos, que lá correm através dos desertos, á medida que a raça branca avança com a civilisação, que lhes causa susto. (6)

Alexandre Herculano, com sua autoridade de erudito, e por sua má intuição litteraria, pareceu amar os tentamens de Gonçalves Dias, naquelle gosto poetico. O peso pareceu arrastador. Dahi a obstinação em sulcar aquelle trilho esteril e aborrido. Mas o senso popular desprezou

(6) Tocqueville — *Democratie en Amerique* vol. 1º p. 39.

tal poesia, porque não é a sua, porque não falla de suas esperanças. As banalidades da arte tambem protestam. A vulgar e soberana verdade «que a litteratura é a grande arteria, o pulso da sociedade, que soffre de suas agitações, de suas ancias» tambem se lhe oppõem.

A escola indiana está, desde muito, desacreditada; os melhores poetas do paiz começam a andar por outro lado. O pensamento daquella encerra para quem attender á estructura actual da sociedade brazileira, quem reflectir sobre as suas leis historicas, alguma cousa que é a negação do genio nacional. Diz-nos em sua pretensão de gloria: — não tendes um intimo vosso, não podeis achar poesia no proprio ser, sois uma estatua morta, sem genio, sem palpitações, que necessita pedir aos homens, perseguidos por vossos maiores, um enlevo que vos inspire!...

E' pungente...

Para quem assim entende individualidade de

um povo, genio de uma nação é palavra balofa, que no *brazileiro* exprime nada, que só no *caboclo* acha o desconhecido, que elle nos pôde emprestar.

A nacionalidade da poesia brazileira, com tanta azafama procurada aqui e com tanta colera negada em Portugal, só pôde ter uma solução: acostar-se ao genio, ao espirito popular nas suas eminencias. E' uma questão de instincto dos povos essa do nacionalismo litterario. As nações têm uma força particular que as define e individualisa. Todos sabem qual é ella no francez, no inglez, no allemão...

Tambem teremos, si o não temos, nosso espirito proprio.

O genio deste paiz, ainda vago e inextricavel, um dia se expandirá aos raios de uma idéa que o fecunde.

Andar, porém, estonteado hoje, como sempre, no empenho de nacionalisar a poesia parece-me com a lucta inutil do antigo vidente quando

buscava furtar-se á acção do Deus. que o possuia. (7)

O *indicio* nacional ha de apparecer sem que haja necessidade de o buscar; o poeta é antes de tudo homem, e homem de um paiz. Seus sentimentos mais arraigados, as inclinações mais fortes de seu povo apparecerão.

Applicando as leis de Darwin á litteratura e ao povo brasileiro, é facil perceber que a raça que ha de vir a triumphar na lucta pela vida, neste paiz, é a raça *branca*. A familia selvagem e a negra, uma espoliada pela conquista, outra embrutecida pela escravidão, pouco, bem pouco, conseguirão directamente para si.

(7) Michel Nicolas — *Études Critiques sur la Bible* 1.^o v. pag. 324.

Os seus recursos volver-se-hão em vantagem dos brancos. Prova-o o facto do cruzamento em que tendem a dominar o typo e as tendencias do europeu, ajudado pela mescla do sangue selvagem e negro, o que mais o habilita a supportar os rigores do nosso clima.

Nas republicas hespanholas o cruzamento mais extenso foi do branco e do indio; entre nós foi do branco com o preto.

Este, depois do europeu, é o principal factor da nossa vida intellectual, politica, economica e social. Temos com elle uma grande divida: restabelecer na historia o quinhão que lhe pertence, por si, e por seus descendentes *mulatos*, maximè por estes ultimos.

Uma cousa é para notar: eu desafio a que me monstrem em toda a historia brazileira de quatro seculos, um só typo nacional, mais ou menos notavel, que haja sido negro ou caboclo *puro*.

Camarão e Henrique Dias, de valor mais que muito contestavel, não está bem determinado que hajam sido, um negro e outro caboclo, da mais pura e estreme linhagem.

E' provavel que já tivessem sido o resultado do cruzamento das tres raças, ainda que em diminuta escala.

Todos os nossos principaes typos têm sangue branco: — são brancos puros, ou desfigurados pelo sangue das outras raças.

E' força convir, porém, que o futuro deste paiz pertencerá definitivamente ao branco, só depois de haver assimilado os elementos estranhos indispensaveis para o habilitarem a resistir plenamente ás agruras de nossa natureza.

Si houvera necessidade de applicar ao Brazil a theoria das raças, levada ao exagero por alguns auctores, como Theophilo Braga em Portugal, melhor que este paiz o nosso offereria ampla possibilidade para a empreza; porquanto não fôra preciso levantar á altura

de uma *raça* uma simples *classe* da população, como o fez aquelle escriptor com os *mosarabes*.

Entre nós o concurso de tres raças inteiramente distinctas, em todo o rigor da expressão, deu-nos uma raça, raça *propriamente brasileira*, — o mestiço. O elemento fecundador é o branco que vae assimilando o que de necessario á vida lhe podem fornecer os outros dous factores. A historia o prova; ella nos mostra a intelligencia e actividade no branco puro ou no mestiço quasi branco; porém nunca no indio ou no negro, estreme de mistura. Mas como o branco puro, cousa que vae se tornando rara no paiz, quasi nada se distingue do europeu, é força convir que o *typo*, a encarnação perfeita do genuino *brazileiro*, está, por emquanto, na vasta classe de mestiços, pardos, mulatos, cabras, mamelucos, que abundam no paiz com sua enorme variedade de côres. — Esta grande fusão ainda não está completa, e é por isso que não temos ainda um espi-

rito, um caracter *original*. Este virá com o tempo. Eu disse que não temos um só typo notavel em nossa historia de quatro seculos que tenha sido negro ou caboclo puro. E' verdade ; Camarão e Henrique Dias, repito, ainda quando ficasse provado que o foram, o que tenho por duvidoso, o genero de actividade em que se desenvolveram, é daquelles que não requerem grande distincção.

Os nossos homens mais notaveis, nas lettras e na politica, ou são brancos, como um Gonçalves de Magalhães, um Marquez de Olinda, etc., ou mais ou menos mesclados como um Gonçalves Dias, um Diogo Feijó, um Visconde de Inhomirim... etc.—Ninguem dirá que Gonçalves Dias, por exemplo tenha possuido mais talento e illustração do que Gonçalves de Magalhães; mas quem contestará que elle foi mais *brazileiro*, isto é, tinha maior somma de qualidades que o separavam do genuino espirito portuguez e o approximavam de um

typo, ainda não bem definido, que nós chamaremos no futuro o verdadeiro *nacional*?

A minha these, pois, é que a victoria na lucta pela vida, entre nós, pertencerá, no porvir, ao branco; mas que este, para essa mesma victoria, attentas as agruras do clima, tem necessidade de aproveitar-se do que de util as outras duas raças lhe podem fornecer, maximè a preta, com que tem mais cruzado. Pela selecção natural, todavia, depois de prestado o auxilio de que necessita, o typo branco irá tomando a preponderancia até mostrar-se puro e bello como no velho mundo. Será quando já estiver de todo acclimatado no continente. Dous factos contribuirão largamente para tal resultado:—de um lado a extincção do trafico africano e o desaparecimento constante dos indios, e de outro a emigração européa!

A' luz destas idéas, de accôrdo com as vistas mais profundas da sciencia de hoje,

que papel fica reservado ao pobre *indianismo* exclusivo de Gonçalves Dias?

O digno maranhense, obcecado por uma cultura exigua, e pelos prejuizos de seu tempo, a que não pode resistir, illudiu-se plenamente.

Alvares de Azevedo é a sombra a que se tem abrigado muito poeta desta terra. Teve um luxo de scepticismo um pouco forçado, n'um tempo em que á poesia já se antolhava uma posição mais estavel.

A litteratura do principio do seculo, filha da inconsistencia social, da evolução de principios novos a surgir e a tombar, só podia ser sceptica e sentimental. E' o pensamento de muitos e entre elles o de P. Lerroux, que nelle sondou o motivo de Gœthe, de Byron e dos outros que os seguiram (8).

(8) Prefacio á traducção do *Werther*.

Esse tempo já tinha passado. A poesia não devia ser mais a chorosa, ainda que brilhante poesia que a precedêra.

O tempo do sentimentalismo indiscreto e desabrido, das incertezas e desconfianças havia cedido ao tempo dos pensadores resolutos e esperançosos, esses que se vão atirando ao mundo das realidades, tão poetico, como o ido, porém mais consolador; porque é o que cala a sêde do pensamento! Alvares de Azevedo desnor-teou-se.

Tratar desses tres espiritos é fallar daquelles que, em poesia na primeira porção deste seculo, fizeram mais no Brazil.

Magalhães, com seu romantismo, ainda que falso e mal entendido; Gonçalves Dias, com seu indianismo, ainda que impossivel e insustentavel; Alvares de Azevedo, com suas

maguadas queixas, ainda que anachronicas e infecundas, têm bastante prestigio, que merece, que attrahe a attenção.

Pela natureza deste esboço, simples e rapida generalisação da litteratura brazileira neste seculo, é obvia a razão por que não incluo aqui alguns tantos escriptores, aliás de pouco merito, que lançam sempre olhares urvos ás obras que os não contemplam!

III

A Rotina

Sentem alguns a necessidade de reformas na ordem intellectual, litteraria e scientifica do paiz, como apregoam muitos igual necessidade na orbita politica e social. E' que existe alli alguma cousa de arido e esteril, que não mata a sêde de cabeças um tanto exigentes.

Ha, entre nós, um phenomeno estranhavel, talvez proprio dos paizes noviços, de pouca vida pelo pensamento: a obstinação em apegarem-se aos velhos idolos, apontados como os genios da patria!

Este culto, quasi sempre exagerado, pôde ser filho de sincera admiração; mas é pouco

proprio para fazer-nos avançar no caminho das idéas.

Longe de mim o intento de dar pouco apreço aos homens no Brazil que se hão tornado illustres na carreira das lettras...

Merecem os elogios que forem bem fundados, todas as oblações sérias e justificaveis. Mas, qualquer que possa ser a força do respeito que se lhes vote, elle não póde, não deve tocar ao absurdo. Reconhecer-lhes titulos de grandeza na altura do que fizeram, quero dizer, consideral-os como representantes de um espirito que passou, eis o que todos devemos.

A marcha do pensamento não soffre soluções de continuidade ; o que foi não é mais.

Pretender que um homem, que fôra grande, ainda que haja vivido ha seculos, deva ser hoje em dia o oraculo de quantos quizerem pensar, sómente porque seu nome é repetido por cem boccas, é um avolumado desatino.

Não o é menos o querer forçar a novos es-

piritos a bitolarem-se pela medida estreita de quem quer que lhes antecedeu.

Ha mais de um seculo, que se annunciára o nascimento de nossa litteratura. De então para cá, como que se tornára moda o apontar os progressos de vigôr e belleza que a joven ia fazendo. Hoje os desilludidos são muitos; a matrona conta cem annos de idade e sabe só o qué decorou: não raciocina por si.

Qual o motivo deste atrazo? Supponho que não se lembrará alguém de responder que o paiz é novo. Seria ridiculo. Explicar o progresso ou decadencia de um povo sómente pela maior ou menor porção de seculos que tem vivido, é cousa de que ainda se não lembrou o mais ignorante dos historiadores.

E' bem certo que a grandeza da intelligencia de um povo mede-se pela extensão das questões que elle agita e das questões que elle resolve.

Ha sessenta annos, que o Brazil politico

debate-se nas garras de problemas estreitos, e não parece que possa sahir incolume da lucta.

Ha mais de seculo, que sua litteratura é a adoração exaggerada e importuna, ataviada de formulas fanaticas, a um idolo exigente e phantastico: o indianismo.

Desde Bazilio e Durão, todos têm julgado dever sacrificar nas mesmas aras, e, entretanto, a devoção ainda está por acabar, e a divindade não mostrou ainda si as oblações lhe são aceitas!

Um povo que gasta este lapso de tempo, não em resolver uma dessas magnas questões, que marcam fundo na consciencia humana, e imprimem uma nova marcha na historia, e sim uma dessas theses particulares, que se parecem com *regulamentos* interiores, é certamente um povo mediocre.

E si os factos demonstram que a these foi apenas apresentada, e que, no fim de tão longo decurso, tende a desaparecer, como filha de

equivocos infundados, o espectaculo parece, no todo, para desanimar. E tal é.

Percorrem-se em balde os nossos escriptores indianos ; nada se encontra de solido e positivo. São desejos e anhelos e nada mais ! Temos uma litteratura de tentativas, quero dizer, uma litteratura van e illusoria.

Não ha ahi o espectaculo de um genio corrigindo a outro, de um pensador passando adiante daquelle que o precedeu.

O Brazil offerece o exemplo de uma litteratura debilitada e franzina, que se nutre de odientas recriminações. E' que o seu maior fundamento não era serio, é que o *indianismo* foi uma suprema mentira.

As nações americanas entraram para a civilisação levadas por convivas de influencia. Nós os americanos somos filhos daquelles europeus dos seculos XVI e XVII, que tinham Schakespeare e Cervantes, Camões e Milton.

As colonias inglezas, hespanholas e portu-

guezas da America nasceram depois da *Renascença*, com a *Reforma*, na epocha das grandes descobertas, das grandes navegações.

A America entrou para a historia em plena luz; mais dous seculos, e ella tinha de fornecer ao mundo Washington e Franklin, isto é, a republica livre, e dar aquelle espectaculo estranho de que falla Tocqueville.

E porque nos sentimos tão fracos? As causas de nossos atrasos são multiplas e variadas, e, entre ellas, não é das mais insignificantes a da raça.

Esse grupo da familia aryana, que chamam —*greco-latino*, a que pertencemos, está bem longe, agora, de igualar-se ao outro, hoje mais distincto della: o germano-saxonico.

Circumstancias especiaes, além disto, presidiram á nossa origem. Os portuguezes não vieram fixar-se aqui com o mesmo espirito que os inglezes na America do Norte. A fonte da população anglo-americana foi em

larga escala de *puritanos*. O caracter que presidiu-lhe foi bastante livre e elevado. (9) Nossa origem embebeu-se de outras aspirações; o *catholico* e o aventureiro, que para aqui vieram, prendiam suas raizes na tyrannia.

O povo inglez naquelle tempo tinha sêde de liberdade, as luctas religiosas estavam em seu dia. O povo portuguez dormitava na *beatice*; a inquisição tinha a sua noute. (10)

O *americano* nasceu livre, o brasileiro só o será mais tarde.

Não deixam de ser poderosos agentes de estacionamento o falso *nacionalismo* litterario, a *imitação* estrangeira e a idolatria dos patrios *genios*. A historia dá a razão de tudo. O povo portuguez nunca foi fecundo e original.

(9) Tocqueville — *Democratie en Amerique*, vol. 1 passim.

(10) Vid. A. Herculano — *Historia da Inquisição em Portugal*.

Sua vida pensante mostra sua intelligencia sempre opprimida, aniquilada debaixo do peso da imitação de estranhos. (11) O seculo passado, por exemplo foi para elle um periodo de profunda decadencia. Nós acompanhamol-o ahi. Veiu a emancipação politica; não foi um movimento nacional serio e gigantesco, um desses fecundos abalos sociaes a que segue-se, pela marcha das idéas, identica revolução nas lettras. Ficamos livres dessa liberdade, para tal dizer, *exterior*; mas a lucta não nos ensinou a pensar. Quizemol-o fazer e o não soubemos. Seguiu-se esta epocha de esteril confusão que chegou até agora, em que o espirito nacional, tomou direcções diversas, guiado por contrarias preocupações. Era logica a idéa de uma litteratura *nacional*.

(11) Theophilo Braga — *Historia da Litteratura Portuguesa*.

O problema foi considerado debaixo de condições de todo *objectivas*. O caracter de uma litteratura, isto é, a tendencia pensante de um povo, foi considerada alguma cousa que se podia fabricar, especie de materia amoldavel a figurinos de modá.

A critica-ciencia já havia revelado que as creações religiosas, mythologicas, poeticas, e até politicas de cada povo eram um resultado de aptidões *subjectivas* e intimas. Os nacionalistas tinham a obstinação de um fanatismo heroico. Estavam cegos. Mas o escopo fôra entendido de modos diversos.

Uns julgavam que iam offuscar a civilisação do velho continente, apontando-lhe nossa vasta epopéa de caboclos sublimados, com seus *piagas* scismadores. Foi uma alluvião de *tangapemas* e *maracás*. Predominou a idéa do *indianismo*.

Antes da independencia já existiam duas

inclinações na poesia brasileira: a do gentilismo e a da imitação classica.

A ultima era quasi inteiramente cópia do que Portugal ministrava. A emancipação accendeu as paixões patrioticas, e a raiva contra os antigos dominadores trouxe maior força á influencia indebita do indio, a raça perseguida, nas lettras.

Foi o motivo de sua importancia quasi incontestada. Até certo ponto tinham razão, que os adversarios não possuíam cousa melhor a oppor-lhes. Queriam nossa sujeição a Portugal pela intelligencia, como si a pauperrima litteratura do decadente reino, chegasse para saciar a força de uma nação nova, que devia ter a alma aberta a todas as grandes idéas e santas utopias da civilisação. A senha de uma poesia indiana foi aceita, com a paixão ardente de um povo, que procurára o seu passado e que suppunha tel-o achado.

Nos Estados-Unidos tambem se definira ella.

Era o mundo americano que se queria precipitadamente individualisar nas lettras e nas artes.

A doutrina caboclo-braziliana foi acolhida e animada aqui e em Portugal. Pretenderam fundal-a na critica, na poesia e no romance. Pouco, muito pouco tem produzido e já se acha quasi extincta.

A questão foi collocada na altura de um problema de *raças*, que fôra mal comprehendido.

Quizeram tudo dar ao caboclo, quando a historia lhe concede a menor parte. Entretanto, ella estava indicando qual o *americanismo*, qual o idéal da America.

Até alli, porém, mostramo-nos fracos.

Si o estrangeiro exigente requerer que lhe mostremos as obras duraveis desta litteratura selvatico-civilisada, sentiremos algum embaraço. Gonçalves Dias, com toda a sua *fecundidade*

indiana, só deixou meia duzia de ligeiras poesias do genero e um fragmento de poema : os *Timbyras*. O finado José de Alencar, com todo o empenho, que havia revelado de resolver o debate, só tem para dar sua *Iracema* e o seu *Guarany*, meio caboclos e metade luzos ! (12) O gentilismo está desacreditado. Foi, sem duvida, o gosto de imitar a Chateaubriand, cujos romances de *Atala* e dos *Natchez* causaram grande ruido.

Alguns acreditaram que, com pinturas mais ou menos poetico-prosaicas de nossos *campônios*, estava a litteratura feita.

Houve muita derrubada de matas, muita vaquejada de sertanejo, e, todavia, o assumpto tem rendido pouco.

Béranger fôra de longe o modelo incomprehendido.

(12) Este escriptor deu-nos posteriormente o *Uoirajara* puramente indigena.

E' escusado citar os livros esquecedissimos que se amamentaram de uma poesia tão vulgar.

O partido do nacionalismo a todo trance, em suas duas manifestações, não progrediu, nem o podia.

Era uma transgressão das leis de toda a criação artistica. Onde falta idéal, não é dado suppril-o.

Começada a febre das *imitações*, Lamartine foi sacrificado, como o foram Chateaubriand e Béranger. O genio religioso e tristonho do poeta francez, que correspondia a uma das necessidades de seu tempo e de seu paiz, já havia dado a sentir á Europa os seus deliciosos travores. Estava em sua decadencia.

Um espirito que, comparado ao seu, é por demais arido, quiz sentir com elle e estafou-o. Os *Suspiros Poeticos* em face das *Meditações* são gelidos em demasia.

O sentimentalismo lamartiniano, com toda a impertinencia que o distingue, vasado em hym-

nos de crença ardente e, a um tempo desconfiada, foi esterilizado nas *ladainhas* de Magalhães. O vacuo de idéas continuava. Duas almas impressionaveis de moços não acharam na patria de que nutrir-se. A aridez nacional fêl-as soffrer.

Byron e mais ainda Musset tiveram o sacrificio de seu talento. Chamaram-se Alvares de Azevedo e Junqueira Freire. A critica elogiativa e inconsciente dos mãos folhetins apostou-se a desacredital-os, á força de exagerações. Cabeças um tanto fervidas, puderam ser mais fecundas, si a a *illustração* da terra o permittisse.

A litteratura frivola do segundo imperio francez tambem forneceu materia a imitadores descomedidos. Os romances e versos do Sr. Manoel de Macedo, e alguns outros, trahem aquella origem.

Hoje a febre é de seguir a Victor Hugo. Carregada de desatinos, ainda assim, é mais

altiva. E' que o poeta da *Année Terrible* é um grande Protheu, muda de fórma; seu pensamento estupendamente variavel tem agitações de toda a ordem.

O prurido das imitações ha sido tão estéril, como o do nacionalismo a capricho.

Quando todos despirem os velhos preconceitos, e o pensamento brasileiro *original* e serio lançar-se despreoccupado á contemplação de um grande *idéal*, então teremos litteratura nacional.

Para isso não será preciso occupar-se de assumptos indigenas ou sertanejos. Deve aceitar o facto da civilisação e não querer pôr-se fóra della. Deve apoderar-se das novas inspirações, que illustram a sciencia actual, e procurar acompanhá-las, entrando na pugna como combatente e não como espectador.

A civilisação moderna é uma obra complexa; para ella todos os povos devem agitar-se. A' America, cumpre não esquecel-o, cabe traba-

lhar tambem. Então seremos originaes e, ao mesmo tempo, de nossa patria.

Nessa grande obra da civilisação não ha privilegios de raças e continentes ; ha sómente o privilegio da força creadora. Quem mais trabalha e adianta, mais preitos e considerações tem .

Compete-nos tambem ajuntar alguma idéa ao grande livro dos seculos ; façamol-o.

Mas não será com o systema do *placet* doutrinario de falsos pontifices. A poesia, como a sciencia, não pertencem a este ou aquelle povo ; são da humanidade. Não ha ahí *gregos e barbaros*.

E' um engano acreditar que não podemos trabalhar com os pensadores da Europa. Essa colloboração seria honrosa para nós.

Até aqui não lhes havemos dado uma só idéa de mais. Nossos livros não lhes adiantam um passo. Seria bom que a pequenez de

agora servisse de estímulo a uma grandeza futura.

Mas já presinto uma alluvião de objecções de indignados contradictores. Como, dirão alguns, tratar dos mesmos assumptos que pensa a *Mãe Patria*? não é ficarmos sujeitos á fêrula do velho Portugal?! Como, exclamarão outros, não fallar das nossas matas *seculares*, de nossos rios *gigantescos*? deixar nossos poeticos costumes, a bella sertaneja, cantando a *tyranna*?!

E' tristissimo, e, todavia, ha sido destas grandezas que se tem alimentado muita cabeça profunda de litterato da terra. São dessas graves questões que contam o segredo de escapar á analyse.

E' sabido que a Europa actual, em materia de letras, começou, ha tempos, uma vasta obra de assimilação da sciencia allemã. Todos os paizes trabalham com afinco. Na França

os Guigniaut, Reuss, Scherer, Colani, Michel Nicolas, Renan, Bréal, des Essarts, Taine... hão sido os mais empenhados.

Todos estes illustre; pensadores enganam-se; querem cobrir a França de sombras e ruínas; vae morrer a litteratura franceza; aquillo é ficar debaixo da *ferula* allemã, declara-o certa critica do Brazil!!! O mais chistoso é que, apparecendo na circulação alguma idéa, que vêm não ser corollario de caboclos e matas, lembram logo Portugal, a *Mãe Patria*... E' magnifico! Temem que o acanhado reino nos faça esquecer a *Tupan*... E' soberbo!

O que dizem de costumes e rios e florestas... é mais que galante. Creio que a mesma pretensão, para ser um principio, deve se applicar a todas a nações. Fôra interessante, em verdade, que todas ellas, novas e velhas, levassem seculos a encher volumes de pinturas de montes e bosques. Como não seriam lindas e variadas as descripções do rio Sena,

que no correr de quatorze seculos teriam agglomerado centenas de lyristas francezes !

E' um desvario, proprio talvez dos máos escriptores de povos noviços e mediocres, o desejo immoderado de mostrar galas da patria. Para isso não trepidam em alçar á altura de principio dirigente aquillo que, ás mais das vezes, só deve ser o fundo longinquo do pensamento nacional.

Circumstancias exteriores, meramente accidentaes, vêm assim a constituir o palladio e o talisman de uma pretensa escola.

Não apercebem os ingenuos que só, ao contrario, denota virilidade uma nação, quando em sua litteratura sua intelligencia mostra-se opulenta, asylando em si uma larga multiplicidade de tendencias.

Ha quem diga abertamente : « ou cantar o caboclo ou seguir o portuguez » Punge o refutar cousas taes. O *indio* não é o brasileiro, mas o *portuguez* tambem não ; a alternativa

entre o *cauin* e o *vinho verde* é antigualha—carunchosa. E' preciso descortinar entre os dous extremos, alguma cousa de melhor.

E' a vida democratica e livre, o *americanismo*, que mata o *indianismo*, como mentiroso e selvatico, e o *luzitanismo*, como poeirento e despotico. E' a alma americana, como a civilisação moderna a fortaleceu, érente no homem e não nos phantasmas de doutrinas mortas.

Tal ha sido a marcha do pensamento brasileiro; sempre atrazado, sempre vacillante, até na imitação. Só em uma cousa tem sido fecundissima a intelligencia nacional, representada por seus notaveis corypheus: no culto sagrado do elogio de nossos gloriosos e estupendos genios. Não existem tradições litterarias, não foi ainda publicada meia duzia de livros de indispensavel leitura, entretanto, se contam tantas notabilidades, que devem ser imitadas e seguidas!

Com pouca vida pelo pensamento, já temos

muitos prejuizos a combater. Faça-o com coragem a mocidade. Ao velho regimen litterario impregnado do absolutismo das aridas convenções, faça succeder uma epocha de mais vigor, porque mais livre e sincera. Desprenda-se do seio do velho culto, cujo diapasão de autoritarios levitas incommoda e corrompe; pense e produza por si.

Não existe no paiz, seja sua convicção inabalavel, quem lhe possa ensinar.

Os fructos da geração passada estão colhidos; foram, talvez, saborosos outr'ora; hoje não prestam mais. E' assim o pensamento, deve passar sempre adiante; conspira sua propria ruina, si tem a fraqueza de quedar-se estupefacto na admiração de antigo edificio. O passado merece o culto do respeito, nunca o sacrificio de nossas idéas de agora. A cada epocha a sua intuição.

A litteratura brazileira, a de toda a America, deve ser adiantada como filha mais nova

da civilisação actual; deve dar a lição de uma litteratura que paira muito alto sobre os prejuizos das raças, embriagada pelo incentivo da liberdade; deve ser pensadora e democratica, séria e impertubavel, viril e fecunda, como a força de nações novas que se apparelham para representar a terceira phase da civilisação: o mundo *americano-europeu*, como o chamava o philosopho. Ella não ha de ser a reproducção de um passado, que já morreu, quer elle haja sido americano, quer não. A' America cumpre não pedir inspirações á morte, ou ella se lhe antolhe no Velho ou em o Novo Mundo. Cabe-lhe formar a consciencia clara do seu futuro, e começar, desde já, a trabalhar para elle.

IV

A Critica

Seriam, sem duvida, uns quadros curiosos aquelles em que se procurassem estudar o desenvolvimento e o actual estado das letras e das sciencias neste imperio. Os que passassem em revista os nossos historiadores, os nossos philosophos, os nossos publicistas, os nossos criticos..... haviam de ser, por certo, dos mais interessantes.

O leitor estrangeiro, que estiver a par de nossas pequenezas mentaes, não veja uma ironia na seriedade de minhas palavras..... Nós outros temos tambem nossos *philosophos*, nossos historiadores, nossos *criticos*.

Quizera occupar-me destes ultimos; existe sómente um embaraço, que bem pôde parecer capital, é que lhes não sei os nomes...

Os rivaes brazileiros de Sainte-Beuve, Scherer, Fischer, Schmidt... são anonymos. Entretanto, neste paiz das *palmeiras* e dos *brihantes*, existe um jornalismo que se propala adiantado e que borbulha de litteratos.

Nota-se até já um certo desprezo pelos escriptos de Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis, outr'ora apontados como os homens *representativos* da critica neste paiz. Estes dous nomes, um no sul, outro no norte, resumem a lista dos historiadores litterarios nacionaes; não é, porém, mais preciso analysar os trabalhos dos dous mestres.

Vão sahindo da circulação.

Onde, pois, encontrar a critica nacional para apreciar-lhe os contornos?

Só a imprensa da côrte é que nos poderia soccorrer.....

Feita a resenha, nada nos offerece de sério; a philosophia, a critica religiosa, a philologia, a historia litteraria fugiram daquellas abençoadas paginas que, por desgraça, só nos fallam de *Madame Angot* e... de *Flamarande*. Este ultimo achado resolve-nos o problema; fornece-nos a palavra do enygma.

No Rio de Janeiro um moço, dito illustrado, escreveu uma vez que a França conserva ainda *exclusivamente* o sceptro da sciencia! que a cultura allemã, por meio de Haeckel, está posta ao serviço da mais detestavel politica! e, finalmente, que *Flamarande* de George Sand é o primeiro acontecimento espiritual deste seculo!!

Estas cousas são tristes, e são-no duplamente: offendem á sciencia e ao bom senso, e são attestado vivo de falta de critica e de criterio da parte dos nossos preconizados guias e instructores.

Não me imporei a tarefa aborrida de

apontar mais algumas das muitas extravagancias diariamente repetidas pelos directores do pensamento nacional...

Basta-me relatar um facto, que estimo decisivo: ha pouco tempo um escriptor de provincia publicou um notavel volume, em que, desnudadas não poucas de nossas misérias, apontou a ignorancia completa em que laboram os nossos escriptores no tocante á sciencia e ao espirito tudesco. (13)

O auctor entusiasta chegou a aconselhar que nos voltassemos para a Allemanha, e censurava o governo por não haver, em sua reforma do ensino secundario, feita após os grandes acontecimentos de 1870, comprehen-

(13) O Dr. Tobias Barreto, o notavel escriptor brasileiro-allemao, nos seus *Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica*, obra importante, desprezada, no Rio de Janeiro, onde, entretanto, se lêem tantas... inutilidades!...

dido na instrucção preparatoria o estudo da lingua allemã.

Estranho pedido, extravagante anhelos! Bradaram logo os adeptos do francezismo. Isto é extraordinario; mas é caracteristico.

Desdenhado o livro per toda a imprensa do paiz, no Rio Grande do Sul, á barba de nossa população germanica, é que foi, para maior vergonha, estourar a bomba. O distinctissimo redactor de uma gazeta allemã, que o é tambem de outra em lingua portugueza, ousou compartilhar da idéa. O *chauvinismo* armou-se logo para resistir; veiu vestido de andrajos, appellando para a diversidade das raças e para não sei que mais futilidades. O estudo do allemão, disse alli uma folha liberal, é nocivo, porque póde tornar-se uma arma politica! (14)

(14) O debate travou-se entre o *Rio Grandense* e a *Reforma*, folhas de Porto Alegre. Veja-se a *Deutsche Zeitung* daquelle cidade de 22 de Dezembro de 1875.

Embalde von Koseritz dizia não comprehender, neste ponto, o direito da sympathia de raça, estando o futuro de um povo acima de estereis e nocivos prejuizos. — Wir kennen in diesir Beziehung die sogenannten Rechte der Rassenverwandschaft nicht an: wo es sich um das Schicksal eines grossen Volkes und eines herlichen Landes handelt, darf die Zukunft desselben nicht einen derartigen Vorurtheile geopfert werden.

Embalde ainda elle appellava para a incontestavel superioridade da Allemanha na arena scientifica e litteraria, e a necessidade urgente de entre nós estudar-se-lhe o idioma. — Unter den Grossemaechten ist es die Vormacht; in Wissenschaft, Literatur und Kunst leistet keine andere Nation auch nur annaeherd Aehnliches und bei dem grossen Fortschritte, den der deutsche Sprache auch in dieser Hinsicht zur Nothwendigkeit. — Esta necessidade foi aberta e asperamente contestada,

tanto quanto chegou-se a negar a proeminencia da Allemanha nas diversas manifestações da vida espiritual da nossa epocha.

Só o Brazil poderia nos ultimos annos de nosso seculo, por tantos titulos venerando, macular-lhe a face com tão mesquinho ultrage.

Quando um Taine, o celebre philosopho e critico francez, um dos mais eminentes espiritos de seu tempo e de seu paiz, proclama, como é sabido, seriamente que cumpre ás nações de hoje, em materia de cultura, assimilar-se em larga escala os thesouros accumulados além do Rheno, os philisteus da critica brazileira nos ordenam a proscricção da luz! Quando todos os que pensam na hora actual, volvem-se para a magnitude das questões que lá se agitam, quando todas as fórmulas do saber humano, tendo alli os seus mestres, arrebatam para lá os olhares de todas as

frontes nobres, não é de espantar que os notáveis do Brazil adorem *Flamarande!* (15)

Estas miserias no tempo « em que Humboldt escreveu o seu *Cosmos*, Darwin sua *Origem do Homem*, Haeckel sua *Historia da Creação* e sua *Anthropogenia*, Ranke, Mommsen, Sybel e outros suas obras historicas, Virchow sua *Physiologia*, e Hartmann sua *Philosophia do Inconsciente!* » (16)

Que juizo poderão formar de nós os homens illustrados, como von Koseritz?

A sciencia de criticar neste paiz está ainda

(15) O leitor não se esqueça de que este opusculo foi escripto ha já bastantes annos, quando *Flamarande* estava na moda. Não deve tambem esquecer-se de que de então para cá, nada temos melhorado; pois só agora, ha poucos dias, alguns dos mais *notáveis* litteratos fluminenses tomaram mestre de allemão, obedecendo assim a uma influencia que desejam occultar.

(16) *Deutsche Zeitung*, n. citado

reduzida aos preceitos rhetoricos, ás regrinhas do *bom gosto* do tempo da ultima *Arcadia Ultramarina*. Entretanto, só a critica implacavel nos póde salvar. Nada temos produzido em esphera alguma; a critica levada a todos os compartimentos de nossa ignorancia, é que nos ha de antolhar um melhor idéal.

A litteratura allemã é vigorosa e nobre como filha da lucta; dahi proveiu-lhe a sobriedade, além da profundeza.

O que existe na Europa de nações inteligentes, volta-se para a Allemanha; é o que faz a Russia, é o que faz a Italia, entre outras. A propria Hespanha vai acordando de sua pesada lethargia. Espiritos juvenis e independentes agitam-se alli em prol da grande idéa: — o abandono do francezismo.

Nós labutamos ainda com as pobres questiunculas que nos foram ensinadas pelo romantismo francez: qual o *estyló* que nos convem.

quaes as *côres da litteratura nacional*, e quejandos appellos que, ha muito mais de meio seculo, nos atormentam.

E' mister renunciar a esses contrasensos que nos maculam o pensamento. E' preciso comprehender-se melhor o espirito do tempo, e vêr que na sciencia é que está a salvação. E a sciencia não é particularmente de povo algum; é um feito commum da humanidade, e por isso justamente devemos abandonar nossa inventerada *francezia*. Procuremos dizer tambem ahi a nossa palavra.

As nações nos tempos de hoje, antes de attender aos seus instinctos particulares, devem amoldar-se ás necessidades e aos progressos da civilisação, e concorrer para estes.

As dotadas de boas e fecundas qualidades originarias, de elevadas *relações physiologicas inconscientes*, como diria o professor Mantegazza, podem afoutamente dar largas aos seus impetos subjectivos, porque estes são sempre os

mesmos da civilisação. Na sciencia, como na litteratura, o que é do tempo e o que é intimo, se enlaça e se completa. Os povos que são ornados de máos pendores, devem, ao contrario, reprimil-os, suffocal-os. O correctivo está no exemplo dos grandes povos. Ao Brazil, que é da classe dos que devem corrigir-se, é o que cumpre fazer. No que fôr tocante á sciencia, não digo que se volte determinada-mente para este ou aquelle paiz; volva-se para a verdade donde quer que ella irradie. No que fôr puramente litterario, amputados os seus velhos vicios, o mesmo deve fazer.

O ideal, porém, da Allemanha, como exemplo a seguir, tem tudo de nobilitante; della é que podem vir melhores *idéas*, que o reanimem, sem tirar-lhe a consciencia de seu proprio ser.

A corrente franceza tem suffocado, pela imitação, a individualidade deste povo; o ger-

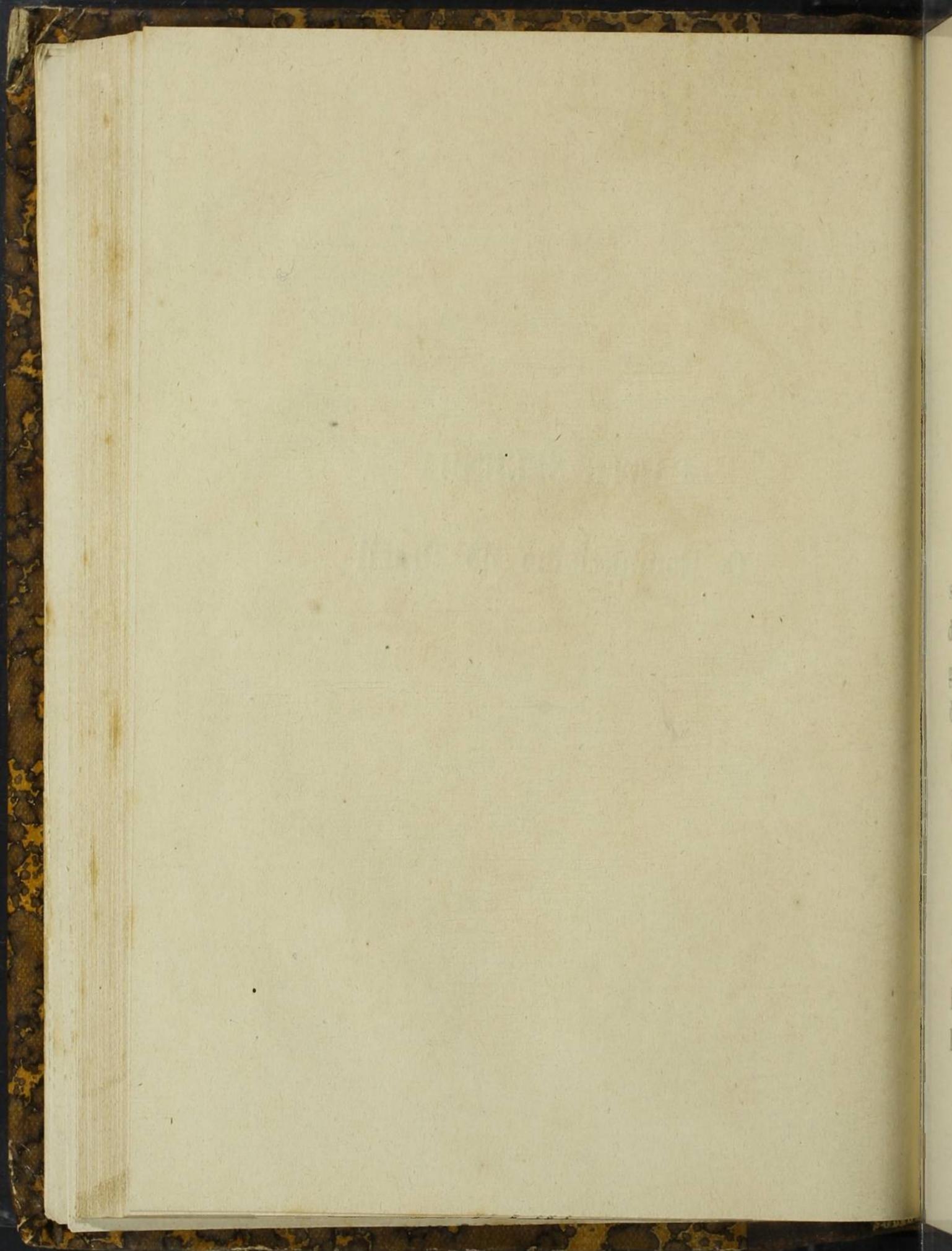
manismo, que fornece *idéas*, em vez de *phrases*, vivificará a personalidade perdida por meio da critica de nós mesmos.

Neste ponto, dada a explicação que ahi fica, acho-me de accôrdo com o illustre auctor dos *Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica*.

PARTE SEGUNDA

O Romantismo no Brazil





I

Seu Ponto de Partida

E' incontestavel que o romantismo representou nas litteraturas da primeira parte deste seculo um papel muito importante, exagerado talvez. Não é menos certo que deixou de ter a significação que tivera, que já não é uma força viva, mas simplesmente um facto pertencente á historia. Só por opiniaticidade fanatica e ignorante continúa ainda, em mais de um paiz, a ser a illusão de languidos espiritos. Nascido na Allemanha, onde deixou obras duraveis de genios fecundos, passára á França, onde foi presa de desatinos sem conta. Lamuriento e mentiroso com Chateaubriand e

Lamartine, logomachico e incongruente com Hugo e Quinet, voluptuoso e carnal com Balzac e Sand, mercantil e baixo com Dumas e Terrail, a par de muito enthusiasmo que a principio nutrira e espalhára, deixou tombar sobre o solo da França a semente de muitos erros e loucuras. E são esses os dous paizes onde seu viver foi mais normal. Era, ao mesmo tempo, alimentado pelos impetos dessas nações, fortes e vividas, e contido pelo espirito scientifico, que nunca alli de todo falhou; outro tanto não conta elle em patrias *adoptivas*, onde sua existencia foi amarga e sua caduca velhice é impiamente exposta aos rigores do dia. Tal foi, tal é no Brazil.

Talvez vá parecer absurdo, por declarar que o romantismo está morto, onde sabem pensar, e que entre nós está decadente e cachetico. Ha aqui grande numero de *bons* espiritos, aos quaes inda não chegou a noticia das luctas entre o classicismo e o romantismo!

Continuam na velha teima obstinados, porque são myopes. Ha outros, em maior vulto, que têm do ultimo uma noção pauperrima, e que o julgam a santa palavra da suprema perfectibilidade, o estupendo fulgor de um astro em seu zenith — a poesia! Não concebem, além d'elle, cousa alguma: o nada com suas sombras. Qual não será o seu espanto, o seu nervoso frenesi, quando escutarem que a romantica morreu, e, ainda, que foi uma nobre senhora de má vida, carregada de peccados! Mas deixal-os com seus erros ou com suas verdades...

E' banal vir ainda repetir que a historia do Brazil — litteraria ou politica — está de todo por fazer. Não ha um só typo nacional, grande ou pequeno, que esteja tirado a limpo, que occupe por direito o seu logar. Dir-se-hia que o *acaso* tem-se encarregado de distribuir os papeis. Entre nós não ha, nunca houve critica. Servem de alimento aos moços, em

materia de litteratura patria, dous livros, novos é verdade, porém monstruosos de atrophia scientifica. São os cursos de dous professores.

Ambos se occupam largamente de Portugal, no velho gosto rhetorico de saber se o auctor empregou metaphora ou metonymia, se imitou a Iliada ou a Odysséa na invocação do poema... e quasi nada dizem do nosso viver pensante, e fóra melhor que ainda menos dissessem, tal é o desperdicio de elogios e despropósitos que atiram de periodo a periodo. São mais que muito galantes as exclamações do Sr. Pinheiro diante de Magalhães e as do Sr. Sotero em face a Gonçalves Dias. São dous genios de novidades tão profundas até a *doença*...

Com taes guias a mocidade está sempre illudida, sempre fóra da corrente das idéas. Cumpre-lhe deixal-os de lado. (17)

(17) E' interessante ouvir—um delles exclamar, depois de ler os versos do poeta :— « Que conceito ! que cópia de linguagem ! que numero de phrases... » e tantos outros brados

Não será, pois, extemporaneo indicar por que lei chegou até nós o romantismo, como cresceu e como terá de morrer. Mostrar seu espirito com suas qualidades boas e más, é mais que tudo necessario.

Foi elle um producto espontaneo d'alma brazileira, chegada ao periodo historico de produzi-lo?—ou simplesmente uma implantação de estranhos para uma atmospherá mental não adoptada? O ultimo caso é o verdadeiro.

Não será para espantar o seu fundo quasi inteiramente falso, ou facticio; tão pouco por isso ficará inexplicavel.— A civilisação mo-

de ingenua e inexplicavel admiração. Depois de chamar o poeta maranhense «genio que ninguem desconhecerá jamais» cita a *Menina e Moça* e brota nesta tirada: «Que suavissima, rica e inimitavel poesia! Os conceitos os mais delicados, as imagens as mais graciosas e risonhas, as comparações as mais mimosas, o colorido o mais fino, os accentos os mais musicaes, a versificação a mais perfeita, tudo concorre para tornal-a de belleza incomparavel. *Nada me recorde de haver lido em poeta algum que seja tão delicioso e puro como esta lindissima poesia, a que nenhuma outra se iguala no seu genero.*»

derna tem o caracter de universalidade, tanto por seus principios geraes, como pela unidade da raça de que é o apanagio.

E' por isso que, não raro, idéas elevadas, que só puderam brotar do cerebro das porções mais culminantes dessa raça, são facilmente aceitas por suas familias subalternas.

O principio da *assimilação* ahi está para significar o facto, e a historia para proval-o. O christianismo offerece um vivo exemplo. Sabe-se que elle tem tanto de aryano como de semitico, e um dos indicios dessa verdade é a promptidão com que o receberam os povos gregos e latinos, logo que appareceu.

—E' que elle «era uma herança commum de toda a familia *aryana*». (18) —Nós pertencemos á mesma civilisação e á mesma raça,

(18) Burnouf — (Emilio) — *La Science des Religions*— pag. 270.

que gerára a romantica, ainda que grande parte nossa seja de pretos e vermelhos, certamente os mais descidos na escala ethnographica. O Brazil da Regencia estava, sem duvida, n'um gráo de espantoso atrazo scientifico.

— Em comparação com a França de Luiz Philippe distava dous seculos. Mas comprehende-se que pudesse tomar para si o romantismo francez, sobretudo se attender-se ao espirito vago deste ultimo.

Disposta assim a verdade, sente-se que nullos, insignificantes, eram os tentamens de versos romanticos anteriores aos *Suspiros Poeticos* de Magalhães, apparecidos em 1836.

Esta obra marca a primeira phase da emigração desse genero litterario para o Brazil; tem pouco valor comtudo. Foi escripta na Europa em sua quasi totalidade; o auctor tomou por lá conhecimento de Lamartine, buscou despir a crosta classica e vestir-se á nova escola.

A tentativa não foi das mais felizes.

Si o seu typo foi chamado por outro, um pouco cioso, (19) « um classico entre os românticos » o nosso imitador é um bem pouco desfarçado classico. Suas *Poesias Avulsas* são de um classicismo que bem se pudera chamar enjoativo. Os *Suspiros*, esse evangelho romantico brasileiro, são certamente a melhor obra do poeta, apesar de serem quasi um complexo de *laidainhas*. Não importa que um conego-doutor do Rio de Janeiro dissesse uma vez que os *Mysterios e Cantos Funebres*, livro sem phileosophia e sem estylo, choradeira do poeta com visos de metaphysica, são o que de melhor se tem escripto em Portugal e no Brazil e superiores ás *Contemplações* do « exul de Jersey » !...

(19) V. Hugo. *Litterature et Philosophie* — artigo sobre Chénier.

As Contemplações, onde ha poemas como *Les Mages e Magnitudo parvil!*...

Como não tinha o gosto horaciano apurado o celebre rhetorico ! (20)

Quando digo que os *Suspiros e Saudades* de Magalhães notam o primeiro momento de emigração romantica entre nós, quero fallar da romantica poetica, porque a politica ja antes nos invadira.

Benjamin Constant fôra, com razão, conhecido antes nesta parte da America do que os poetas da Restauração.

Suas idéas passam por se haverem encarnado na *Constituição Politica*. No entender de muitos é isto um movito de elogio para Constant — e para o primeiro imperador, para a *Politica Constitucional* e para a nossa *Carta*....

(20) Quando isto foi escripto e publicado ainda vivia o conego—Fernandes Pinheiro.

Desde agora cumpre mostrar um dos prejuizos trazidos pela nova escola:—uma falsa vista do poeta sobre a sociedade, filha de outra igualmente erronea sobre o alcance social e moral da poesia.

Este desatino, apontado pelos competentes nos grandes poetas do tempo, patenteia-se aqui repugnante e mesquinho.

Sente-se amargamente a distancia immensa, que vae dos sonhadores utopistas, como Byron, aos poetas epigonos como Magalhães.

No prologo de seu livro lêm-se phrases destas : « Tu vais, oh Livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa Patria, onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos, e desperta todas as ambições, *onde tudo está gelado, excepto o egoismo!* » Quanto desconsolô extravagante. Mais definido e absoluto a respeito é o seu amigo e companheiro de viagem o Sr. Torres Homem ; n'uma pagina banal espa-

lha expressões que frisam fortemente o exa-
gero de que fallo :

« Os *homens* que dirigem os destinos do Brazil,
sem comprehender as condições de sua missão,
parecem ter dado as mãos a todas as influencias
do mal, para aggravar o estado da triste epocha
em que vivemos.....

.....

Por detraz dos *homens* actuaes não estão es-
condidos outros *homens* ; o que hoje fere as
vistas do Brazil não é uma excepção, é po-
rém sim o estado geral das idéas, proveniente
do scepticismo moral, da indifferença para o
bem e para o mal, da nullidade dos caracteres
estranhos a todos os nobres sentimentos, e vo-
tados a um duro egoismo, e alfim, da extinc-
ção dos *sentimentos religiosos*, que são o contra-
peso das humanas loucuras. Ha alguns an-
nos, bem difficeis erão as circumstancias do
Brazil, e da sua mocidade ; mas do proprio
excesso dos males a esperança renascia ; o

presente era então sem alegrias, mas contava-se sobre um melhor futuro. O estado actual pesa *sem esperanças* como uma massa de ferro sobre todos os *bons espiritos*; tanto é elle pouco unisono com as cousas, que se vão arrastando a nossos olhos. Desgraçada mocidade ! »

Nem ao menos se nos depara nesta lauda frivola a eloquencia magnifica das paginas parallelas de um Hugo ou de um Lamartine. Como se enganavam os dous *touristes* ! (21)

A mocidade brazileira de então, como a de hoje, era uma mocidade dita *religiosa*, educada pelo regimen *catholico*, e a que se vedava toda possibilidade de um *desvario* no sentido que chamam *livre* ! Os moços do Brazil então,

(21) Havia um terceiro, o finado Porto Alegre.—Aquelle viajar de dilettantes produziu versos deste esplendor:
« Sabes com que pezar te deixo, oh Sales ;
Vamos, ó Araujo, é tempo, vamos. »
São soberbos !...

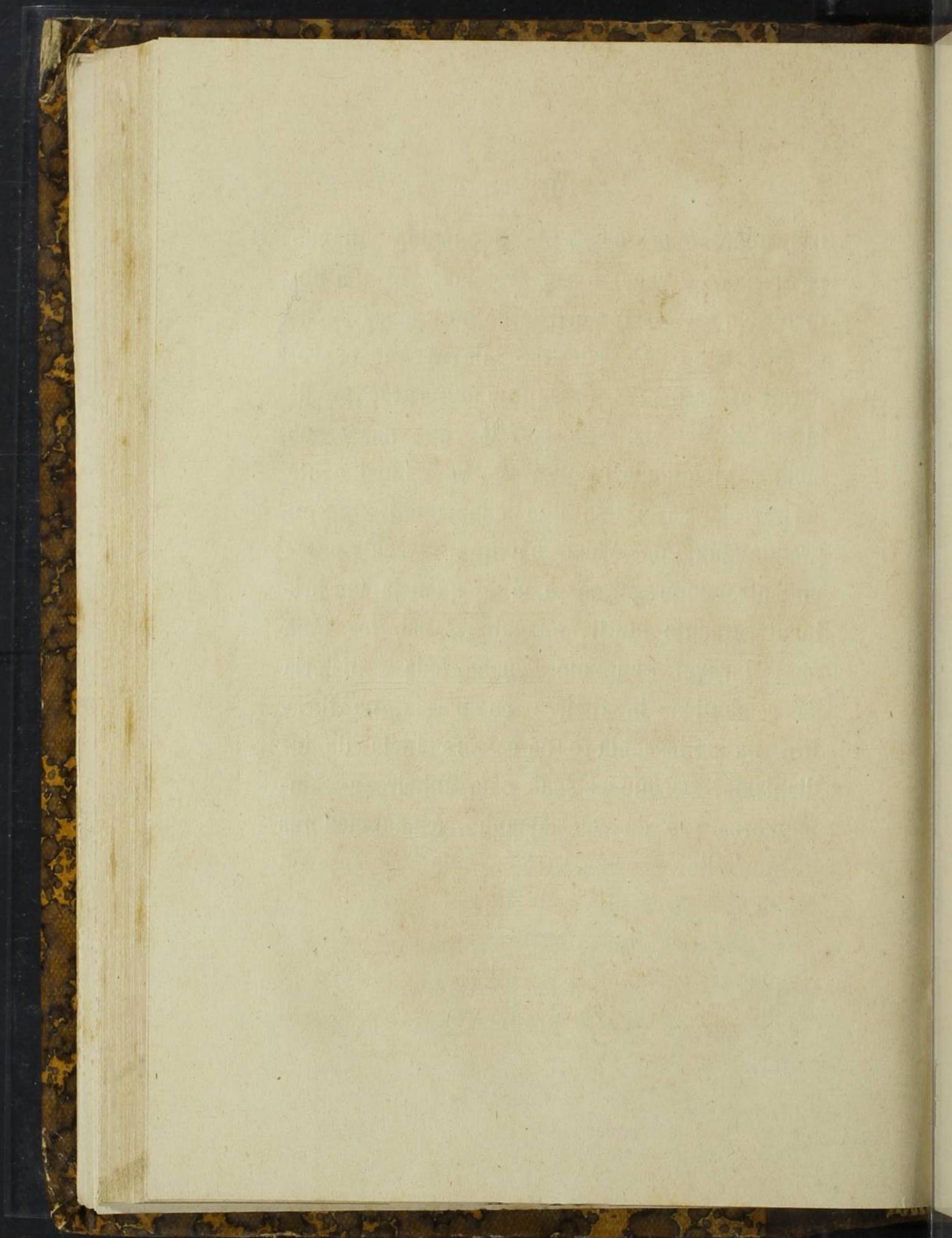
como hoje, não commetteram nenhum grande crime, desses que são oriundos do abaixamento do nivel moral das sociedades. Os moços de então, como os de hoje, tinham um só grande defeito:— erão uma mocidade —mediocre! Ao lado dessa falta do auctor dos *Mysterios*, que é commum á escola, tem elle algumas que lhes são peculiares.

Não é a menor sua mesma opinião sobre a doutrina:— que o romantismo deve ser uma prece ao Creador, deve ser uma oração. Este opinar tomou nas obras do poeta fluminense proporções assustadoras; elle tem poesias como a *Religião Christã*, que são verdadeiras resas. Nada de inspiração, nada de força. O poeta, crente e piedoso, metrificou paginas da *cartilha*; admira que não tivesse tambem explicado em versos a Trindade, como o fizeram outros!

Sua philosophia espalha em alguns escriptos seus, como os *Mysterios*, uma geral phy-

sionomia de erro. E' a doutrina que foi condensada em um livro intitulado—*Factos do Espirito Humano* — e mais tarde n'um outro *A Alma e o Cerebro*, que poucos leitores tem contado entre a classe mais adiantada do paiz, e nenhuns entre os moços que se preparam, o que é sensível, porque, pelo menos, estes ultimos poderiam mais lucrar do que lendo o mesquinho compendio de Frei Mont'Alverne sobre a materia. Duo-dynamista excede-se, o poeta; tira a sensibilidade d'alma, e entrega-a com a vida á uma supposta força vital. Deixa áquella somente o pensamento e a vontade. Por uma combinação de idéas, sem caracter scientifico, tomadas a Cousin e mais eclecticos, que não vem ao caso expôr, chega á conclusão de que o universo só existe na mente de Deus, que nelle vemol-o, como o magnetizado as idéas do magnetizador! Eis, mui mediocrementemente, resuscitada a *visão em Deus* do padre Malebranche! Pois bem. Ha poesias de Magalhães

nas quaes é prosaico até o enfado, quando passa para o verso o seu systema. E' um homem sem estylo, um artista de mui pouca força. — Não tem os segredos da palavra que os românticos francezes possuiram em gráo prodigioso. E, todavia, é desta falta que nasce sua melhor qualidade :— um certo comedimento em arrojarse a isso que chamam o *infinito*, grande mania da escola, em que os mais proeminentes empregaram uma eloquencia tão brilhante, quanto inutil. Magalhães não fez uma obra duravel. Seu nome enche toda a historia da romantica brazileira, na poesia, no theatro, na philosophia e na celebre lucta do indianismo, porque os seus companheiros e competidores são do seu tamanho, senão menores do que elle.



II

Seu desenvolvimento

Muitas hão sido as explicações que de si tem dado a romantica européa. Nenhuma dellas tem a significação de uma critica definitiva ; são antes apologias do que analyses. Cada um, sob o influxo de seus sentimentos, traçou-lhe uma apotheose a seu modo. Os classicos caminhavam em opposta direcção, porém igualmente infecunda neste ponto.

O tempo de hoje é que póde julgal-a. Apon-tada como uma *reacção catholica* á ordem de idéas da Revolução, mostra-se em demasia pequena ; bastante distava disto, sobretudo na Allemanha. Uma victoria do *individualismo* na

poesia também a não explica, como entendem outros. Suas grandes obras, ao contrario, como todos os monumentos poeticos de melhor valor, são a crystallisação das idéas communs ao respectivo periodo da civilisação. Uma volta á *poesia popular* e ás tradições esquecidas é uma pretensão mal definida.

E' incontestavel que animou o estudo da poesia medieval perdida sob o peso de tres seculos sem critica, que se nutriram de contrafações de idéas e sentimentos antigos. Mas não ficou neste circulo, nem o podia.

A resurreição da poesia popular em um livro de erudito era cousa exequivel. Mas continul-a, fazel-a viver sua vida romanesca, era impossivel; sobretudo no Brazil, onde não existia verdadeira poesia popular olvidada pelo tempo. Não sei si bem pensaram nisto, os românticos brasileiros. Sei que faltou-lhes a paixão pelo passado que tanto animára os da Europa. Quando não buscassem formar *Can-*

cioneiros e Romanceiros antigos, porque seriam quasi nullos, deveriam, ao menos, procurar as leis da formação de nossa vida mental.

Culto unico, como disseram, da *realidade* no homem e na natureza, — é um daquelles seus impetos de vangloria — em que se julgava identificar com a poesia em seu ideal. Pretensão semelhante todos os systemas hão mostrado. Nenhum se distingue por ahi.

E' o alvo de todos, sempre procurado e nunca attingido.

Como pudera alcançal-o, si traduzia uma epocha de mystica anomalia?

Eis o retrato: « O sonho e a abstracção foram as duas paixões de nossa renascença. — De um lado, a exaltação sentimental, as aspirações d'alma, o desejo vago de felicidade, de belleza, de sublimidade, que impunha ás theorias a obrigação de ser consoladoras e poeticas e que fabricava os systemas, inventava as esperanças, subordinava a verdade, escravizava a sciencia,

dispunha das doutrinas, como se dispõe de um facto; de outro, o amor das nuvens philosophicas, o habito de pairar nas alturas do ceu, o gosto dos termos geraes, a perda do estylo preciso, o esquecimento da analyse, o descredito da simplicidade, o odio á exaetidão. De um lado, a paixão de crer sem provas; de outro, a faculdade de crer tambem sem provas. René, Maufredo, Werther, Jocelyn, Olympio, Lelia, Rolla, eis seus nomes... Pudera citar muitos outros.» (22)

Parece, por outro lado, que o seu maior prestigio não foi encher de entusiasmo as novas gerações que o novo seculo ia substituindo ás do fim do seculo passado; mas a *universalidade* que arvorou, quero dizer, a reabilitação de todos os assumptos em materia d'arte.

(22) H. Taine — Les Philosophes Classiques du XIX siècle en France, pag. 298.

Tambem foi-lhe um bom titulo o culto da fórma, prenhe de prejuizos é certo ; mas que dotou a litteratura franceza com uma pleiade brilhante de optimos escriptores. Ora, é justamente por estes dous lados que no Brazil foi de todo negativa. Não possuimos um só grande escriptor em prosa ou em verso.

Nossos auctores mostram-se sempre *en negligé*. A universalidade de tons, que derramou sobre o vulto da romantica européa um vivo semblante de grandeza e de força, — aqui viu-se coarctada pela celebre doutrina do *indianismo*, destinada a encomiar — os *peaux rouges* da America.

E' certo que os instinctos da parte mais limpa da população oppuzeram-se desde logo á esta subordinação de idéas de uma raça superior á ferocidade de um povo inteiramente selvagem. Assim não queriam e não querem ainda hoje os indianistas, pela mór parte de pouca originalidade.

Tudo que distôa entre nós da gamma por elles cantada, é apontado como parodia de Portugal. Ora se ha paiz que pouco contribua para alimentar as cabeças brazileiras é justamente a antiga metropole. Teria andado com acerto o indianismo, se pretendesse com o caboclo alargar tão sómente a orbita poetica. Seria louvavel.

Tal não ha sido; só considera *brazileira* a obra que tem casta vermelha. Este ar de absoluto matou-o. Os *negros* podiam intentar o mesmo, e, por atavismo poetico, pintar-nos a vida africana! Porque não?... Gonçalves Dias representa o romanticismo caboclo, como Gonçalves de Magalhães o romanticismo beato. A apparição dos *Cantos* causou mais ruido do que a dos *Suspiros*.

Os dous poetas têm dous pontos de contacto: a religiosidade e o indianismo. A primeira predomina no philosopho dos — *Factos do Espirito Humano*; — o ultimo no auctor dos

Tymbiras. Este poema recorda-me uma observação. A romantica brasileira é um pouco *schismatica*, conserva doutrinas heterodoxas no seio da escola. Sabe-se que esta baniu a epopéa á antiga, como expulsára a tragedia; não vedou isto que apparecessem poemas como a *Confederação dos Tamoyos*, *Tymbiras* e *Colombo*, e tragedias, bem fracas, como *Antonio José* e *Olgiato*!

O poeta maranhense parece que não sahirá engrandecido da operação da critica, que só tem o privilegio de elevar os homens de genio, e G. Dias não era um genio.

Não deixou uma só idéa que o sobreviva; — é exigir muito, — não deixou um só typo, uma só ficção duradoura. Qual será?... Onde está ella?... Presinto que fallem no Y-Juca-Pyrama... Seria uma bem grave dissonancia.

Quando lembro que o poeta não deixou sequer um typo immortal, tenho em mente

criações daquellas que só a imaginação profunda de homens, como Schakspeare, pôde gerar: typos como Othelo, Desdemona, Macbeth, Julieta... O nosso poeta era melancolico, interessava «em acabar com essa vida *desgracada* que se diz de poeta; tinha.... soffrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, *implacaveis*, *renascentes*, — ligados á existencia, reconcentrados n'alma, devorados comsigo, que umas vezes o deixaram sem força e sem coragem e se *reproduziram em pallidos reflexos* do que sentia...» (23) Era a doença de todos! O poeta distava desses que não sabem o que é o apalpar o pulso, — aquelles cujo espirito — não está a mercê do tempo que corre, — de que falla Scherer. Só estes podem

(23) Carta ao Sr. Carvalho Leal — nos Ultimos Cantos.—

«elevant-se á grande arte.» Caiu no lyrismo, em voga, palavroso e óco, em que tudo parece calculado e falso, ainda que orne-se com o titulo de poesia *intima*. Todavia é onde foi melhor. Quando entregava-se a meditações, com ares de philosopho, deixava sentir a estreiteza de sua intuição. Não possuia a faculdade de tombar no pelago vulgar do *infinito*, vulgar porque era o alvo de todos, e conservar-se, por um desperdicio de forças, quasi na altura do sublime.

E' a grandeza extraordinaria de V. Hugo. Admira como este poeta, tomando idéas vulgarissimas á philosophia de Cousin, remonta-se em busca de Deus, e dá-nos a saborear uma poesia quasi embriagadora. Gonçalves Dias não tinha este poder. Como lyricista, tem, ás vezes, alguma graça, infantil é certo, porém maviosa. *A Rosa no Mar* em algumas estrophes offerece o melhor typo do poeta.—
Chegado a este ponto, é natural que per-

gunte o leitor: — a nova poesia que nos mandára de Paris o Sr. Magalhães e que achára em Gonçalves Dias, em Coimbra, um seguidor decidido; a nova poesia, cuja segunda remessa este ultimo trouxera ao Rio de Janeiro, dez annos mais tarde (1846), não experimentou algum progresso neste paiz das *palmeiras, dos rios gigantes, das florestas seculares?* Que eu saiba não.

Diz-se que uma doutrina progride, quando elementos novos se lhe agglomeram, novas operações adiantam-na, e a levam ás suas ultimas consequencias. A doutrina ficou estacionaria, se não voltou atraz. Consignei duas datas, que podem orientar: — 1836 e 1846.

Ninguem ignora que, no tempo da primeira, a romantica allemã já estava sepultada com Goethe, seu maior corypheu, e, no tempo da segunda, a franceza já havia dado os seus melhores fructos com Stael, Constant, Chateaubriand, cujas obras já eram velhas, e

com Lamartine, Hugo, Dumas, Beuve, Balsac Quinet... que pertencem á mocidade da Restauração, de parceria com os Guizot, Thiers, Cousin, Jouffroy... Então já tinha entrado em via de transformação e decadencia com os velhos, que se fizeram socialistas, o que deu 48, e com os moços que começavam a trilhar outro caminho.

A prova é que não creou em França desde ahi nem mais um vulto distincto.

Morto, já frio, foi quando chegou até nós o romantismo. O Brazil tem um privilegio funerario nas lettras; estamos n'um cemiterio, andamos de luto, nossa litteratura é gelida, nossas creações são defuntas!...

A poesia mais sã de G. Dias foi continuada pela mais doentia de Alvares de Azevedo. Vira-se o contrario na Europa, a Byron seguiu-se Hugo. Cá foi outra a marcha.

Fallei em Azevedo, uma criança... Sei que ahi houve homens que se chamaram

Porto Alegre, Teixeira e Souza, Norberto e Silva... mas suas obras não são lidas, e tenho sómente de dar conta dos livros que tiveram echo. — Estes senhores hão talvez escripto para a geração futura, ninguem hoje os lê.

Fallar assim é dizer que nulla, completamente nulla tem sido a influencia por elles exercida. O moço estudante de S. Paulo, cujos escriptos appareceram em 1853, teve outro imperio sobre as attenções. Sua *Lyra dos Vinte Annos* soube despertar o enthusiasmo em alguns corações e ajudar livros fracos, porém sentidos, como as *Primaveras* e as *Inspirações do Claustro*.

Azevedo, tão simples como é, parece a muito critico rhetorico um grande enigma. Os velhos não gostam d'elle, por ser impio, dizem; os moços o amam, por ser livre, assoalham. Nem uma, nem outra cousa foi; occupava-se pouco das idéas. — Era um scismador morbido, uma construcção nervosa, sem grande fundo mental,

que teve a immensa vantagem, e a immensa desdita de ter vivido n'um meio pouco adiantado.— Provo:—a mocidade do tempo andava em estado lamentavel de anemia de idéas. Eis que apparece o moço Azevedo, rapaz de vinte annos, sabendo o inglez, fallando em Byron.. maniaco por este poeta, e, incontestavelmente, superior a todos os camaradas, immenso é o sobresalto! Morto o joven, o enthusiasmo recrudesce; surgem suas obras, são quasi decoradas!... A *Noite da Taverna* faz as delicias de mais de um leitor pouco instruido...

E' este o segredo da vantagem que adquiriu seu nome, que, aliás, pudera ser outro, si outro fôra o meio em que viveu. A isto deve o ir decahindo; já não é tão exaltado e vai sendo menos lido.

Era o primeiro romantico de valor, que foi, por assim dizer, *indigena* do paiz. Nunca sahira; era o producto de uma academia bra-

zileira. Sua poesia foi considerada uma especie de *patrimonio commum* pelos moços que o estimavam.

E' toda *piegas e choramingas*, como em linguagem de *bom tom*, dizem os criticos portuguezes.

Não existe nella um só principio novo, uma só gôtta de originalidade.

Byron e sobretudo Musset foram passados para a nossa lingua. O moço só produziu queixumes; era tambem melancolico, era imperfeito. « No intimo da melancolia encontrar-se-ha talvez sempre uma falta de equilibrio das faculdades, e, como causa final, algum desarranjo organico. O melancolico é um ser incompleto, enfermo, ferido nas fontes da vida, que poderá exhalar queixas eloquentes; mas que nunca attingirá á grande arte. O verdadeiro artista, o que domina a natureza e o homem, que os reproduz n'uma concepção impessoal, um Schakespeare, um Goethe

um Walter-Scott, esse é um homem são. — Não sabe o que é apalpar-se o pulso. A paz de seu espirito não está á mercê do tempo que faz, contempla a vida com serenidade. — A melancolia resulta de uma organização nervosa, impressionavel, delicada, exquisita, porém incompativel com a harmonia das forças e a elasticidade de um temperamento robusto. » (24)

A doutrina não progrediu; nas mãos de Azevedo adquiriu sómente mais algum estylo, e um pouco mais de senso cosmopolitico. O moço paulista não foi um escriptor no alto sentido artistico da palavra.

Sua prosa é mais que muito erronea; mas seus versos, a par de incorrecta metrificacão,

(24) Ed. Scherer. *Nouvelles Etudes sur a Litterature Contemporaine*, pag. 244 e 245.

têm vislumbres de bellezas na fórmula que não se mostram nos antecedentes. *Gloria Moribunda* póde offerecer o exemplo.

Até aqui os tres unicos á que o romanticismo brasileiro deve sua debil força na poesia. Vimol-o ahi. Não o mostrarei na philosophia e na politica. Para que? Escusado. Não temos philosophos: quaes são; onde estão elles? Frei Mont'Alverne? Eduardo França? G. de Magalhães, o poeta? Não. Nem são philosophos, nem, ao menos, alimentados pela metaphysica romantica do espiritalismo francez! Excepto, talvez, o ultimo, que ninguem, ao certo, tomará por um grande pensador. (25)

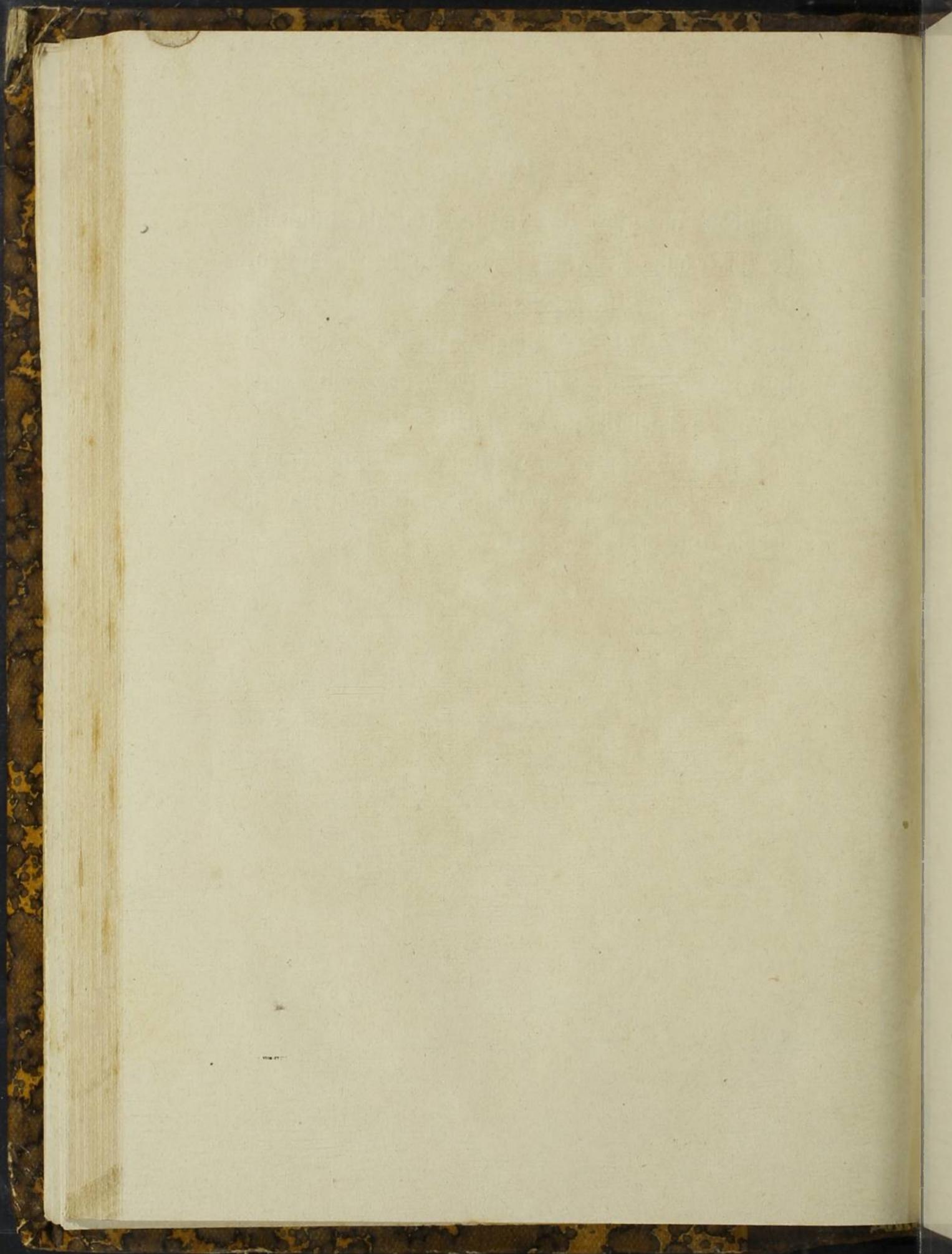
Os escriptos e discursos politicos estão bem longe de inspirar-se, entre nós, na vasta

(25) Na minha *Philosophia no Brazil* tractei de todos.

intuição positiva da natureza e da humanidade! Todos soffrem do achaque romantico, desde a *Constituição politica*, tomada ao auctor de *Adolpho* até os discursos dos senadores que só o leem, e as declamações sem nome de nosso jornalismo de partido.

Passo ao romance e ao drama, que, com a poesia, foram as melhores manifestações da escola que vai findando.





III

O Romance e o Drama

Ha povos que têm uma vida mental variadissima; outros a têm quasi nulla. Quando brota no seio dos primeiros uma grande doutrina, que estava no seu character e em suas inclinações, toma raizes profundas e deita ramos por toda a área do pensamento.

A França póde dar o exemplo do primeiro caso; alli a civilisação moderna, já complicada em extremo, tomou uma de suas faces mais baralhadas. O romantismo do principio do seculo soprou sobre todos os espiritos e foi asyklar-se em todos os compartimentos da lit-

teratura:—na poesia, no drama, no romance, na philosophia, na politica, na historia, na critica, nas bellas artes e até nas sciencias, levado pelo espiritalismo eclectico.

O Brazil exhibe a mais perfeita amostra da ultima hypothese; sua vida intellectual é simples e pobre. Por isto não ficam os *vultos* de sua historia bem definidos e caracterizados. Nas terras sem tradições mentaes arraigadas e fecundas, onde o povo não tem ainda a consciencia clara de si mesmo, nem uma vista certa do presente, e uma a intuição provavel do futuro,—os homens são caprichosos, mudam de feições quasi sempre. E' que não ha a grande lucta das idéas, a unica que sabe classificar personagens.

Podeis experimentar:—Intentai tirar a limpo uma das grandes figuras brazileiras, um Andrada ou um Marquez de Olinda, e sentireis embaraços.

— Haveis de ver quasi sempre o homem

desfazer-se, como uma sombra que passa, si o encarais por um lado; tornar-se contradictorio, si o mirais por um outro. Não se prestará muito ás experiencias do laboratorio critico.

O contrario dá-se onde as idéas borbulham e as necessidades são variadas. Parece paradoxo. Não é; a mesma multiplicidade obriga os homens a darem-se conta do que são. E' mais facil desenhar a estatura de um Peel ou de um Guizot, do que a de um Paraná ou a de um Abrantes.

Isto vem a proposito dos romancistas e dramaturgos brasileiros, que não se individualisam com facilidade. Resumem-se em dous, os mais fecundos e os mais sinceros, os Srs. José de Alencar e Manoel de Macedo. Os outros têm o poder magico de nada significarem, — excepção feita do poeta mineiro Bernardo Guimarães, companheiro de A. de Azevedo, que ultimamente tem escripto uns romancitos de alcance mediocre;

porém que têm o direito de separar-se dos magros folhetins que por ahí caminham. (26)

Os dous indicados são a encarnação da comedia, do drama e do romance, nesta porção da America. Affirmal-o é lavrar a condemnação desses ramos do romantismo patrio. Neste ponto eu pudera usar de palavras mais fortes para estygmatisar nossa fraqueza; não o quero, para não parecer exagerado.

Mas é triste que, quando o romance francez, — fallo deste, porque ha sido o nosso guia, — personificou-se em obras sérias pelos largos visos de veracidade, como a *Comedia Humana*; eloquentes pelas fundas peripecias do problema social, como os *Miseraveis*; mimosos pela ma-

(26) Neste numero devem ser contadas as frivolas produções do Sr. Machado de Assis e do Sr. E. Taunay, esses dous pequenos representantes do romantismo decadente entre nós.

gia de um estylo limpido, como *Lelia*; — é triste que haja vestido os andrajos do pobretão para coxear no *Guarany* e tombar morriento no *Moço Loiro*. E' que não foram aquelles mestres que nol-o ensinaram. Não foram Balzac, Hugo ou Sand, que nos mostraram as maravilhas do genero, e assim as baixas mediocridades do segundo imperio.

Essa litteratura, que exaggerou *Manon-Lescaut* e multiplicou as *Margaridas* e *Camelias*, — litteratura de *Bohemia*, que prostituiu-se, e cujo supremo corollario é o *Homme Femme* de ha poucos annos, — causára a ruina do segundo imperio de França, e a pobreza de inspirações de nossa vida intellectual, a par da molleza de intenções do segundo reinado entre nós. Si não nos estragou de todo, devemol-o á inconsistencia de seus apostolos. Um livro como *Luciola* nem siquer excita ao mal; debilitado demais, nem ao menos tem uma linguagem que voluptualise os sentidos.

Os dous romancistas uniformisam-se na fraqueza concepçional e extremam-se pelo character das inspirações—José de Alencar quiz ser mais serio epretendeu investigar. Olhou para a historia, comprehendeu-a pouco e deu-nos as *Minas de Prata*, onde embalde se busca a physionomia dominante dos tempos coloniaes, e assiste-se a um largo morticínio de personagens, e o *Guarany*, livro franzino, onde o caboclo é *molle*, qual um casquilho.

O escriptor cearence foi indianista e julgou-se o mais acabado; *Iracema* foi o seu idolo. Disse que ella era uma pintura dos tempos prehistoricos da nossa terra, o periodo que chamou *aborigene*. Nunca um auctor se enganou tanto julgando um, producto seu. Esse livrinho, em que figura uma india indecisa e *facil*, nada tem de verdade, nem historica, nem artistica; historica, porque está longe de ser um vivo drama, que mova o selvagem com suas arrogancias; artistica, porque não traça um só busto exacto do homem de todos os tempos.

O nosso auctor, espirito de cultura um tanto exigua, não esteve na altura das necessidades scientificas de seu tempo. Sua carreira que se estendeu de 1850 até ha pouco, mostra-nos um repetidor de idéas — já gastas. O futuro pouco lhe deverá, pois que os contemporaneos já se voltam para traz para encaral-o. (27)

Seus escriptos quasi nenhuma influencia hão exercido no pensamento de nossa patria. Como puro cultor de *piagas e maracás*, esteve ás mais das vezes fóra da consciencia nacional.

A civilisação em seu momento actual não o

(27) Estas paginas foram escriptas e publicadas, pela primeira vez, em 1873, quando o Sr. Alencar ainda era vivo. A critica pôde ser severa; mas não é de certo injusta, e por isso é reproduzida agora com pequenas modificações.

O merito relativo do auctor do *Tronco do Ipé* pôde e deve supportar o peso da verdade. A critica sincera deve ser uma só para todos. Trata-se de dizer a verdade à nação e não de glorificar falsas doutrinas.— Sobre o merecimento caracteristico do illustre romancista veja-se na *Revista Brasileira* o escripto do auctor — *A Poesia Popular no Brasil*, cap. 4º.

impressionou, como pouca attenção lhe mereceram as agitações deste paiz.

Sonhou quasi sempre com os caboclos das selvas, e, quando se lembrava de nosso tempo, parecia não comprehendel-o. Dahi seus romances *de todo o genero*.

O Sr. Alencar, como o Sr. Macedo, não teve physionomia propria e original. O ultimo tem escripto uma serie de romances ligeiros, cujo fundo e cuja fórma são sempre os mesmos, isto é: o mesmo estylo pallido, cpillado, cobrindo o mesmo enredo sem animação, falho de toda vida. A *Moreninha* e todos os seus filhos posteriores formam uma serie de romances que um espirito caustico chamou romances de *balaio*! Taes são; só podem fazer as delicias de costureiras bem pouco lidas.

Não acho o Dr. Joaquim Manoel mais feliz no seu poemeto-romance a — *Nebulosa*. A fórma metrica, por isso que não lhe é familiar, mas

bastante embaraçosa, devia obrigar-o a ser um pouco mais pensado...

Não se podem nem se devem fazer grandes despesas de considerações com vultos desse quilate. Seria completa banca rôta para prender um pensamento que não existe. Não se espante o leitor. Um critico, o de mais curta vista, diante de um homem, como Goethe ou Victor Hugo, descortina um fio conductor para suas proprias idéas. Parte de um ponto e vae descobrir o pensamento vivificador dos trabalhos do grande artista. E' que este esforçou-se sempre por um principio, guiou-se por uma força, que é a *lei* de sua criação. Diante d'elle o critico engrandece-se, partilha de seu fulgor. Marca o thermometro da epocha do grande homem, faz a psychologia deste, e com os dados da sciencia, julga do valor de sua obra. A historia, a psychologia feita através dos livros, e a sciencia da critica vêm dar a razão do meio, do momento, das

instituições, — de todos esses grandes estranhos que podem perturbar a obra do genio. Tudo isto é aqui inutil e inefficaz.

Eu quizera penetrar, quanto pudesse, no amago da sociedade brazileira, quanto pudesse no segredo de espiritos como o Sr. Macedo, — e dar a razão primeira e final de livros taes como o *Moço Loiro* e as *Victimas Algozes*. Uma consideração, que é ao mesmo tempo uma lei, veda-m'o. E' que aquelles espiritos não são originaes, como não o é o presente periodo da existencia nacional. O Brazil vae vivendo uma vida de combinações sem criterio, de contrafações sem alcance, que lhe podem ser muito fataes.

Parece-me, pois, definitivo: Os dous roman-
cistas são dous personagens sem significação vi-
va e profunda. Terão de representar, ao que pa-
rece, um papel quasi todo negativo na historia
litteraria, qualquer que possa ter sido a sua im-
portancia no mundo official. Os seus dramas estão

ainda abaixo dos seus romances. O drama quando é tecido por mãos semelhantes, é quasi nullo. O genero é um tanto difficil; só para outros obreiros.

Venha a França ainda á scena, já que soffremos de franco-mania em litteratura, como de anglo-mania em politica.

Alli o genero, de que fallo, foi certamente a expressão mais fraca do romanticismo, tão cheio de abundancia n'outros sentidos. *Hernani*, *Marion de Lorme* e *Antony*, tão significativos como obras litterarias, como peças dramaticas não são primores. O que não se déra entre nós! E' facil ajuizal-o. *Mãe* e *Lusbella*, por exemplo, estão abaixo de mediocres. O repertorio de nossos theatros fez a justiça que devia a esses embriões sem fórma nem vigor; quasi nunca vão á scena. O povo, mal educado e falho de senso esthetico, é divertido por alguns actores de esphera pouco elevada, que mutilam e estragam más peças estrangeiras.

Póde-se aquilatar da força espiritual de um povo pelos espectaculos que lhe são predilectos.

E' escusado lembrar quaes os que são mais saboreados entre nós....

E' dizer tudo.

Os dous dramaturgos conheceram que davam pouco para o mister; atiraram-se á comedia. Não tinham a *vis comica*; não foram mais felizes. — Obras, como o *Demonio Familiar* e a *Torre em concurso*, não acreditam ninguém. Neste modo de julgar sou de extrema moderação; foi o proprio Sr. Alencar que julgou-se fraco para a comedia. (28)

Quanto ao Sr. Macedo, velho burguez litterario, depois de um espirito como Martins Penna, devia conhecer a sua inaptidão para os escriptos do genero. Não sei se o convencerá o recente fiasco da *Antonica da Silva!*..

(28) Carta que acompanha a *Iracema*.

IV

O Nacionalismo Litterario

Ha um ponto culminante no romantismo brasileiro: o da formação de uma litteratura nacional, debate que tem mostrado todos os symptomas de verdadeira impertinencia.

E' certamente o unico que se tenha discutido um pouco calorosamente neste pequeno mundo, ha mais de meio seculo. O problema, porém, não está esgotado; é mister propol-o ainda uma vez e procurar-lhe a solução. E' vantajoso decompol-o. Estudado em cada uma de suas partes, perde o character caprichoso, que ha revestido, e toma visos de tocar a realidade.

Encontram-se afirmações absolutas em campos totalmente adversos, prova cabal de que lá bem longe anda a verdade.

A questão é simples em seus termos, complicada em suas relações. Ahi vai: *tem o Brazil uma litteratura?* Sim ou não, dizem os doutores encarregados da resposta. *E' ella original?* O sim e o não fazem-se ouvir outra vez. Entretanto, os que assim tão categoricamente se exprimem, mostram bem pouco tacto para comprehender o muito pequeno assumpto de que se trata. Uma primeira affirmativa julgava-se coherente em carregar uma segunda; a negação tambem.

O engano é manifesto; ha verdade em dizer que possuímos uma litteratura e grave erro em chamal-a de original.

O porque está na significação mesma dos termos.

Os que chamam — uma *litteratura* — ao facto insignificante da existencia por ahi de

qualquer meia duzia de mediocres poetas imitadores, sem relação entre si, que levaram uma vida mental sem antecedentes e consequentes em seu paiz, esses dizem aberta e ingenuamente que ella existe entre nós e que é de uma originalidade a toda prova.

Basta o Gregorio de Mattos para cortar despotica, mas — falsamente — a questão.

Quem acredita, ao envez, que só é — litteratura — a existencia de uma duzia de genios de primeira ordem n'um povo de cultura e seiva artisticas, nunca desmentidas pelos tempos das provanças historicas, esse a nega aqui, mas por ahi tambem em muita parte.

Nem tanto, nem tão pouco. Ha litteratura, o prova a critica e a historia, sempre que n'um povo encontra-se a consciencia de si mesmo e uma mais ou menos extensa rêde disso que chamarei as *tradições mentaes*, vasadas em algum producto de imaginação. Neste caso, o unico aceitavel, porque é o exacto,

acha-se o Brazil. E' o motivo por que se mostra systematico e propenso ao erro aquelle que bate palmas entre nós, empavonado por uma litteratura mais que muito mediocre, e o portuguez que, vindo-ues de longe, adianta-se um pouco além do permittido, dizendo:— falta-lhes a lingua á parte, e mais um genio a Dante ou a... Schakespeare!

—Pobre! que não vê que, nesse fallar tão facil, dá com o *reino* tambem no immenso nada!...

O *original*, si o tomam no alto sentido de creação profundamente propria, sem antecedente de sorte alguma, é um enormissimo dislate, que não é partilha de nenhum genio, como de povo algum.

Em sua expressão exacta, quando significa o que é *caracteristico*, sem ser impossivelmente novo, o que é assignalador de uma tendencia, mais ou menos definida, de um homem ou de uma nacionalidade, certamente não se póde

dizer que com justiça se applica á litteratura *nacional*. Esta ultima palavra quer dizer um novo termo da questão. Um terceiro dado se apresenta; é o *nacionalismo*, o *nativismo*, ou como mais chamar costumam.

Aqui a cousa um pouco se complica. Querem, além de original, *nacional*. Não é difficil ouvir, por essas tão animadas reuniões, algum moço que exclama: — a nossa litteratura nacional, como os *tacapes*, brasileira, como o *sabiá*!

Emphatico, o negocio é desajuizado. E' o indianismo que se inculca como uma solução, ou o matutismo (!) que se procura como um talisman. E' a sêde de ser brasileiro tornando-se mania, é o nacional, duvidoso do que é, que se toma por caboclo ou sertanejo!

O terceiro dado gera mais dous; mostro-os todos com seu terminar em *ismo*: *naciona-lismo*, e, como consequencias, *indianismo* e *sertanegismo*, ou matutismo (!)

O leitor não se atormente; é a historia litteraria do Brazil contando os seus elementos.

Dou os motivos. Uma difficuldade capital presidiu ao nascimento de nossa vida de nação e teve sua consequencia immediata nas letras; foi o governo, aqui sem bases, systematisando-se para viver; foi, nas letras, um patriotismo forçado, tornando-se systematico tambem para existir.

O *poder moderador* consolidou a poesia indiana. A proposição é nova, mas verdadeira. Viuse o monarcha em necessidade de phantasiarse o moderador dos elementos contrarios que se revolviã no mundo social; viram-se os poetas obrigados a esquecer Portugal, o que era justo, e a procurar um *moderador* aos seus arrancos para o idéal!

Pouco importa, para o caso, que a poesia cabocla parta de Bazilio, e o poder moderador de Benjamin Constant.

Existiam d'antes nos livros, eram factos ao

alcance dos eruditos; naquelle momento foram lançado sna vida nacional. Comprehenderam-se, ajudaram-se. Aquelles dous factos, esquecidos nas paginas do ex-jesuita e do redactor do Acto Addicional Napoleonico, foram de subito tomados como forças vivas e impostos á consciencia do povo. O que quer isto dizer? Uma cousa muito simples e exactissima: que tanto um como outro foram reproducções inesperadas; que, portanto, uma dupla difficuldade capital presidiu á nossa origem social e litteraria. Todo o nosso trabalho do presente deve consistir em estudal-a e supprimil-a.

Apresso-me em dizer que as cousas não se podiam dar de outro modo. Era o momento do romantismo invadindo tudo. Vinha carregado de sombras e de pretensões, trazia suas phanthasias de todo o genero e o grande problema das raças. Este era allemão, aquellas quasi no seu todo francezas. Gerára, entre nós, a *Constituição* e os *Cantos* de Gonçalves Dias;

não podia deixar de trazer-nos a lembrança de ser nacionaes e de suggerir-nos a idéa de procurar uma *raça* que nos significasse. Os Europeus, não; porque eram nossos inimigos: estávamos na epocha da independencia. Os Africanos, não; porque eram muito baixos e prosaicos; haviam de ser os Indios esquecidos em nossa vida, mortos em nossas instituições; mas que deveriam existir mui poeticamente nos sertões do interior.

A poesia indiana tem assim a sua justificação; mas esta ha de ficar na historia, não nos deve mais perturbar com suas impossibilidades phantasiosas.

Depressa alguém comprehendeu que o caboclo não era tudo, que o *matuto* era talvez mais. Deixaram-se os assaltos ás tabas inimigas, um instante, para assistir alguma destruição de florestas *seculares* e ver em actividade o camponio atropellado.

Era até certo ponto justo; mas ainda improficuo.

Tudo isto indica um povo que se procurava, para fallar assim, um povo que se indagava; mas que ainda não se achára. Sua consciencia ia-se então clarificando; dahi para cá tem avançado neste caminho.

As duas manifestações do nacionalismo estão mortas; porém o problema pai está de pé e não deve ser tratado levemente. Povos illustres têm procurado saber si possuem de facto uma litteratura, que se possa dizer nacional. O exemplo dos Estados-Unidos em nosso continente, sem fallar de outros do velho mundo, basta para justificar essa inquirição. Mas uma cousa é reflectir um povo sobre si mesmo para ver si ha bem representado em suas creações os seus instinctos, e outra diversa é querer forçadamente ser nacional.

No primeiro caso é uma indagação *critica*; no outro uma *creação*, que se estraga em lucta com um problema, que lhe deve ser estranho.

Uma vez por todas:—um caracter nacional

não se fabrica, nasce espontaneamente do coração popular, ou melhor :— uma nação é, não se improvisa.

E, se alguém pôde trabalhar nesta gestão, é o povo mesmo que se transforma ao influxo de forças diversas, que quasi sempre lhe escapam, grande mysterio de que os poetas nunca têm a consciencia, que só o futuro analysta pôde assignalar.

Os poetas do primeiro momento romantico brasileiro foram victimas de uma precipitação. O nativismo impressionou-os, quero dizer, não o sentiam profundamente em si mesmos ; procuraram-n'o fóra. A natureza e os selvagens pagaram-lhes esse arrebatamento, que pesa como um desatino.

Abro um livro de estrangeiro e leio estas palavras: «Nós vimos que o sentimento nacional, timido ainda no tempo da colonia, ou mais ou menos revolucionario quando ousava se mostrar, só pronunciou-se de um modo

franco e decidido depois de proclamada a independencia... Enquanto anteriormente se fazia luz na litteratura, de um modo intermittente e subjectivo, poude então penetrar-a, tornar-se objectivo, assimilar-se-lh'a e desenvolver-a em todas as direcções conformes ao espirito do seculo». (29) Oxalá que assim fôra! O escriptor austriaco illudiu-se. A consciencia nacional não foi tão vivaz, como suppoz, nesse tempo da independencia.

Sem recorrer aos factos politicos e sociaes, que o asserto provam de sobejo, dentro da orbita litteraria existe um desmentido ás palavras do supposto historiador. Esse indianismo, que tanto admira na sua qualidade de estrangeiro sequioso de sentir um mundo differente

(29) F. Wolf — *Le Brésil Litteraire*, pag. 136 e 137.

do seu, é a prova mais vivida e exultante do titubamento de nosso viver de nação.

Foi justamente este grande estranho que conservou-nos bem longe das direcções do espirito do seculo!

Diz ainda categoricamente o escriptor: « o romantismo contractou neste paiz o mais estreito laço com o nativismo, que tornára-se um poder. Este tinha necessidade da união para ser um elemento poetico e fornecer uma base positiva. »

E' pouco edificante o modo por que nesse mediocre livro provam-se affirmações tão pronunciadas. O auctor encontra a mais forte justificativa de seu leviano fallar nos *Suspiros Poeticos* e na *Confederação dos Tamoyos*. E' admiravel! Haverá productos que menos denunciem esta nação do que os dous enunciados?

Não o creio. O primeiro, traduzido em italiano, póde passar, com a mais inteira

confiança, por obra de um *capuchinho* napolitano, que lêra Lamartine, tendo sido exagerado classico, e publicára seu livro em Roma, com todas as licenças da Santa Congregação do Indice !...

O outro é um producto morto, falsa epopéa de uma epocha sem alto valor, escripta mediocrementemente n'um tempo desalijado desses tremendos cartapacios em doze cantos, enfadonhos, soporificos, como paginas de metrificado *Flos sanctorum* !

E' tanto do Brazil como do Paraguay, deste como da Patagonia. Nem retrata um facto epico de nossa historia, nem encanta-nos por uma pintura elevada e poetica dos selvagens.

Parece-me, de passagem, definitivo : — este género de poemas selvatico-coloniaes nascêra e morrêra com o poemeto de Bazilio. Por seu estylo mais vivido do que o dos poetas de seu tempo; por sua metrificação harmonica e

imitativa, o velho mineiro parece ter fechado para sempre as maravilhas do genero.

Tinha a immensa vantagem de fallar de um assumpto selvatico e virgem no meio de insupportavel e tyrannico classicismo :

Naquelle tempo, no fim de um *romantico* episodio, era preciso muito talento para dizer de uma pallida e triste moça que morrêra e que era linda.

« Tanto era bella no seu rosto a morte ! »

Nada se encontra, em nossas falladas epopéas dos ultimos tempos, que se levante áquella altura; tres ou quatro não puderam dar vida ao corpo do indianismo já cadaver.

O consorcio do romantismo com o nativismo foi prejudicial a ambos; um se fez esteril e o outro tornou-se erroneo.

O academico de Vienna esteve muito longe de comprehender a nossa vida espirital; de outro modo não denunciaria tanta leveza.

E' affirmavel, comtudo :—a litteratura brasileira nada menos é do que original, mas póde se chamar *nacional*. Entendo por esta expressão tudo aquillo que revela, mais ou menos caracteristicamente, a vida mental de um povo, em bem ou em mal. Si suas idéas foram insignificantes ou fecundas, não é menos certo que se fizeram representar; a falta da nota original, do cunho novo, não chega a offuscar a nacionalidade.

Não esqueço que chamam nacional uma litteratura só quando é filha de um grande pensamento collectivo; mas quantos povos e em quantos seculos contam este prestigio?

E' bom não esquecer que póde tambem ella ser inspirada por um abatimento geral. E' o caso de Israel em certas epochas de sua vida.

Nem o povo brasileiro se acha em tão estragado extremo;—é uma nação ainda nova, mistura de raças diversas, que de dia a dia

póde ir se consolidando e chegar a uma existencia mental mais definida.

Seu grande erro romantico consiste em ter querido sem madureza caracterisar-se. Isto era e é ainda o trabalho do tempo.

Mas para que estas avançadas no encaço da velha e pobre these do nacionalismo?

Engana-se historicamente quem acredita que o grande facto contemporaneo está na cohesão de cada povo em si mesmo, que a these da romantica allemã dos fins do seculo passado vae agora produzir seus fructos, que Bismark continúa Schlegel!

Protestam contra a viva consciencia da unidade intellectual da civilisação européa, e a clara comprehensão do genero humano no seu todo, que é um forte resultado da sciencia de nossos dias no que ella tem de mais brilhante: a sciencia da linguagem, a sciencia das religiões e a philosophia.

O patriotismo é um sentimento anachronico. Ia muito bem em nossos antepassados do seculo XVI, quando Camões marmosiou-o na épopea. Comprehende-se um patriota portuguez de 1500, nunca um heróe brasileiro da epocha actual.

O tempo é de um vasto desenvolvimento cosmopolitico. Não ha sacrificios das tendencias intimas dos povos; mas devem' se calar os falsos incentivos.

Seremos, note-se bem, mais nacionaes, quando menos procurarmos sê-lo.

Não sei si possuimos uma terra de formação sedimentaria; mas é o que se dá na ordem ethnica e moral. Um fragmento já muito combinado da grande raça aryana, amalgama de Latinos, Celtas, Godos... um tanto alterado por Semitas (phenicios e arabes) e tambem pelo velho fundo da população da peninsula hespanhola—os Iberos, assentára-se aqui entre

as raças vermelha e negra. Si é certo que a mistura de povos diversos é um garante de geração vigorosa, nenhum mais que o brasileiro pôde offerecer maior vantagem.

Esperemos que estes elementos diversos se embebam inteiramente uns nos outros, e dêem-nos no futuro alguma cousa de melhor. Por ora, vacillar ha sido o nosso apanagio.

E' esta a razão das imitações estrangeiras tão pronunciadas ; porém que, em certo sentido, indicam um povo que busca aprender. São indícios de que um dia achamos Portugal inefficaz para saciar-nos e atiramo-nos em busca de uma cultura mais san.

E' um facto caracteristico dos ultimos tempos: deixamos definitivamente de lado a intelligencia portugueza. Isto é significativo. A' esta luz se comprehende que o *luzismo* é hoje uma fibra que está morta.

A consciencia nacional emancipada se indaga para fixar-se. Em todas as suas manifes-

tações, falsas pesadas em absoluto, justificaveis á luz *raça*, do *meio*, e do *momento*, nossa poesia romantica é um resultado historico mal comprehendido por apaixonados, encomiastas ou detractores. Ou somos um prodigio de grandezas, ou o mais aviltado de todos os povos. Tudo isto é repugnante de inexactidão. Seriamos, por tal arte, um facto unico na historia: ou o de um povo muito joven, já com a intelligencia de velha nação culta, o que é inesperavel, ou o de uma nação infantil, já cachetica, de desproposital decadencia, sem nunca haver dito sua palavra á humanidade, o que é inexplicavel. A verdade não é esta. Somos um povo altamente mediocre; e não sei si não será um pouco exagerado o anathema do historiador inglez, depois de fallar de nossas grandezas naturaes: « Such is the flow and abundance of life by which Brazil is marked all the other countries of the earth. But, amid this

pomp and splendour of Nature, no place is left for Man. » (30)

Sentimos passar aqui o sopro de inspirações portuguezas, francezas, britannicas... Que importa? Eram as cordas d'alma de velhos povos, que vibravam em nosso extasiamento; era o nobre plectro europeu que nos prendia e subjugava... Hoje não existe mais este perigo. A arte e a sciencia acharam a *nota humana* de que falla o poeta. (31) Póde-se hoje pairar nos cimos conquistados para todos, sem ser imitador, mas apenas homem de cultura, mostrando, já se vê, cada um intelligencia sufficiente e trabalho efficaz.

(30) Buckle, *History of Civilization in England*, p. 104, vol. I.

(31) V. Hugo, *Les Mages. nas Contemplações*

Os homens do descambar do seculo XIX não tememos olvidar os continentes, quando se falla da humanidade. Por cima da consciencia européa que mais se confirmou livre em Sadowa e Sedan, por cima da consciencia americana que se pronunciou liberrima em Richmond e Queretaro, vemos a consciencia humana, que se desencadeia, para sempre, deixando Roma tombar.

A poesia hoje para o filho da America deve ter duas faces principaes; como homem de seu tempo, o filho do continente tem que attender ao que vae de profundo e vasto pelo velho mundo e o *criticismo* será a sua inspiração; como concidadão de Monroe e de Lincoln, elle amará as boas tendencias do Novo Mundo e o *americanismo* deve ser a sua lei. (32)

(32) Sobre a concepção da poesia e litteratura em geral fundada na critica hodierna, veja-se — *Nos Cantos do Fim do Seculo* — o prefacio.

Mas qual o ideal deste ultimo? E' vasto em sua synthese magestosa: encarar sempre o homem com relação á natureza, e a natureza com relação ao homem; substituir ás raças a humanidade, aos continentes o universo, aos systemas a civilisação, aos preconceitos a liberdade. Eis a poesia democratica americana, digno appendice do criticismo contemporaneo. (33)

(33) O pobre auctor deste ensaio, como poeta, intentou dar ao publico duas amostras desta dupla tendencia da poesia brasileira em nossos dias.

Nos *Cantos do Fim do Seculo*, como homem de seu tempo, elle ligou-se ao *criticismo*; como filho do continente, no *Poema das Americas*, trabalho ainda inedito, inspirou-se no *americanismo*, como o entende. Insignificantes como são esses escriptos, o auctor não os dá como modelos a cotejar, senão como encarnações imperfeitas de seu proprio modo de pensar e de sentir, sem ter a minima vaidade de querer angariar partidarios, ou encomios para si.

Tal foi o romantismo brasileiro. Vindo de fóra, teve uma existencia morbida; mas ainda não morreu de todo. Seus crimes podem-se resumir : falta de critica ; paixão da palavrosidade com prejuizo das idéas; ás vezes um optimismo extravagante sobre os nossos homens e as nossas cousas, desde a natureza physica declarada a mais prodigiosa do mundo, até nossos pobres moços insuflados como os mais intelligentes da humanidade ! Suas vantagens : dar-nos a idéa de uma litteratura nossa, que os classicos em sua mofineza nunca poderiam suggerir ; jogar-nos para fóra dos livros portuguezes, que, continuando a alimentar-nos, levar-nos-hiam á mais completa paralytia da intelligencia.

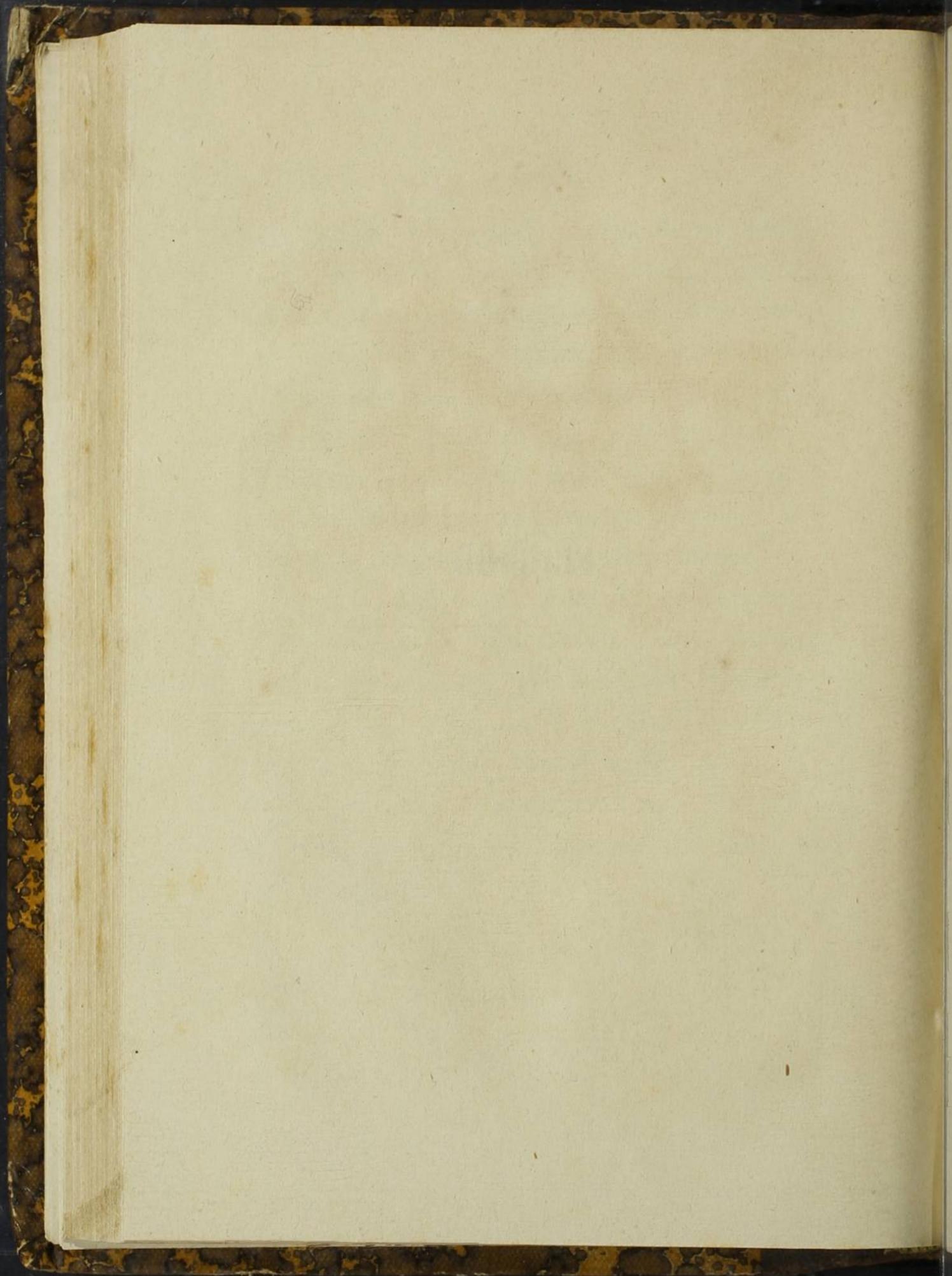
O quadro que ahi fica traçado é sombrio ; mas não é para desanimar. Si nos sobram defeitos que tanto nos têm maculado, somos ainda um povo joven que póde um dia regenerar-se.

A mocidade das academias, essa mocidade

sem habitos de meditação e de estudo, póde ainda corrigir-se quando fôr melhor encaminhada, quando ler e pensar os bons livros, deixando os pestilentos romances da baixa litteratura franceza, e tiver coragem para encarar obras de melhor fundo do que *Le Monde marche* de Pelletan e *Les Martyres de la Liberté* de Esquiros, que marcam, muitas vezes, o termino de suas mais difficeis leituras; quando curar-se da *versomania*, essa doença terrivel que arranca o moço da sciencia para atiral-o a uma depravação do pensamento; quando, emfim, deixar os velhos habitos romanticos, o sentimentalismo mentido, o gosto das phrases bonitas e ôcas, e formar uma mais segura idéa da sociedade moderna, bem differente dos erros que tanto a têm maculado.



EPILOGO



Synthese retrospectiva. O momento actual

Ha na vida das nações certos momentos de character pratico, em que ellas como que fazem alto na tarefa que seu genio lhes traçou, para prepararem o balanço dos resultados obtidos, das riquezas accumuladas.

Estas epochas, essencialmente criticas, produzem, ao envez do que geralmente se pensa, resultados positivos, e servem de orientação ao espirito dos povos.

O trabalho da producção popular, na sua generalidade, é inconsciente; a elaboração das idéas assemelha-se a uma vegetação mais ou

menos vigorosa na medida da uberdade do sólo. De envolta com as arvores fructiferas e uteis brotam plantas damninhas, que devem ser extirpadas do terreno. Desembaraçado o passo, os povos seguem outra vez o seu caminho, munidos de novas forças, secundados por melhores incentivos. Estes renovamentos do idéal das nações seguem-se sempre aos tempos de crise, em que a critica depura a atmospheria intellectual, suffocando os germens parasitarios, que ameaçavam destruir o organismo publico. .

As velhas e cultas nações do antigo mundo têm assistido, por vezes, a esses phenomenos de renovação. O Brazil; depois de quatro seculos de contacto com a civilisação moderna, parece ter chegado ao momento de olhar para traz a ver o que tem produzido de mais ou menos apreciavel no terreno das idéas.

Uma nação se define e individualisa quanto mais se afasta, pela historia, dó character

exclusivo das raças que a constituíram, e imprime um cunho peculiar á sua mentalidade.

A civilização, com ser uma só e cosmopolítica, não suffoca, n'uma uniformidade monotona, os impulsos originaes dos povos virís.

Neste trabalho de *differenciação nacional*, o *brazileiro* será tanto mais progressivo e autonomico, quanto mais, apropriados os germens uteis que legaram-lhe as raças que o constituíram, dellas afasta-se, formando um typo á parte, uma individualidade distincta.

A nação brazileira, si tem um papel historico a representar, só o poderá fazer quanto mais separar-se do *negro africano*, do *selvagem tupy*, e do *aventureiro portuguez*.

Bem como no mundo physico corpos diversos e estranhos combinados produzem resultados distinctos e inesperados, assim na historia a combinação de raças differentes n'uma só região vem a offerecer ao adiante o espectaculo das civilizações originaes.

E' inutil apontar exemplos que devem estar na mente de quantos hajam estudado as emigrações das raças e as civilisações antigas e modernas.

No Brazil o processo da integração nacional ainda é muito recente e está muito longe de ter produzido todos os seus resultados. Os dous grandes agentes de transformação, — a natureza e a mescla de povos diversos, — estão por emquanto ainda em acção, e o resultado não póde ser determinado com segurança. Em todo caso, já é tempo de lançar-se um olhar retrospectivo sobre a sua historia intellectual, para marcar os primeiros traços da individualidade embryonaria deste povo recente.

A litteratura é uma das manifestações de sua actividade mental, e póde com proveito ser consultada como symptoma de seu progresso ou decadencia.

Cumpre-me repetir ainda um vez que não

pertenço por fôrma alguma ao numero dos bemaventurados que julgam que o Imperio da America vae ás maravilhas.

Opino diversamente: o pobre povo brasileiro vae mal, muito mal, e entre as nações christãs só talvez um similar encontre na desgraça: — o desventurado e mesquinho Portugal.

Nós temos já alguns trabalhos relativos á nossa litteratura deste e dos passados seculos. Todos, porém, peccam pela ausencia de um criterio positivo, a falha de uma idéa dirigente e systematica.

Não é por certo a rhetorica do conego Pigneiro, do professor Sotero, do conselheiro Pereira da Silva, ou do visconde de Porto Seguro e outros, que poderá nos explicar a significação de uma epocha ou de um typo qualquer de nossa historia. A *sciencia official* é sempre manca, e o seu merito é o mesmo das commendas que condecoram o peito de seus adeptos. Só uma outra fonte de idéas,

despreconcebidas e sérias, nos poderá explicar o enigma, aliás simplissimo de nossa vida espiritual.

Compreende-se facilmente, que me não compete agora outra cousa além de rapidamente traçar a evolução intellectual brasileira.

Darei ligeiros toques sobre o caracter dos nossos quatro séculos, um por um, e dos escriptores (sómente os de merito) que nelles figuraram.

O capitulo preliminar de uma historia da litteratura brasileira, quando a escreverem com rigor scientifico, deverá ser uma inquirição do como o clima do paiz vae actuando sobre as populações nacionaes; o segundo deverá ser uma analyse escrupulosa das origens do nosso povo, descrevendo, sem preconceitos, as raças principaes que o constituíram.

Sobre o clima dever-se-ha notar, entre outras verdades, que, si nos faltam aquelles

temerosos phenomenos, como os terremotos e os volcões, que Buckle magistralmente descreve como causadores das superstições primitivas, si nos faltam tambem as montanhas gigantescas que excitam demasiado as imaginações, temos de sobra o *calor* e o flagello das *sêccas*, que periodicamente hão assolado a mór parte do paiz, produzindo o *desanimo*. Assim, si o povo brasileiro não é dos mais phantasticos e supersticiosos do mundo, todavia é um dos mais desanimados e apathicos.

Sobre as raças dever-se-ha ter o cuidado de não esquecer nenhuma dellas, como, ainda não ha muito, o fez o Sr. Theophilo Braga, que nas poucas paginas que escreveu sobre a poesia brasileira nem uma palavra disse das origens africanas de nosso povo. (1)

(1) Parnaso Portuguez Moderno — *Introducção*.

Dever-se-ha tambem evitar a leviandade com que este escriptor persiste em repetir, como descoberta novissima, a desacreditada theoria da existencia de uma raça *turana*, a que filia, segundo o velho erro, os povos indigenas da America. Si o Sr. Theophilo Braga, em lugar de ler o catholico Lenormant, estudasse Schleicher, Whitney, Fred-Muller, Vinson, não se daria ao trabalho de repetir a velha theoria de Max-Muller sobre o *turanismo*, nem viria apresentar como achado admiravel o livro de Varnhagen sobre *as origens turanas dos americanos*. (2)

O terceiro capitulo de uma historia de nossa vida espiritual haveria de ser o estudo da

(2) *Les origines touranniennes des Américains—Tupis—Caribes.*

nossa poesia e contos populares em sua triplice proveniencia.

Não é occasião disso agora. (3)

Concentrando-me no que diz respeito sómente á poesia litteraria, devo passar de relance sobre as epochas transactas, para mostrar a filiação dos nossos poetas de hoje.

Ha um facto, tão repetido entre nós, que constitue já um verdadeiro *principio* para o estudo da nossa litteratura: é o character de *importação* de quasi todos, sinão de todos, os nossos movimentos intellectuaes.

Dest'arte, não é possivel escrever a historia do pensamento brasileiro sem referil-a ás litteraturas que o têm influenciado até aqui :

(3) E' assumpto da minha obra *Cantos e Contos do Povo Brasileiro*. Vide — a *Revista Brasileira*.

— a portugueza, a franceza e, mui recente e limitadamente, a allemã.

No primeiro seculo (XVI) da descoberta e colonisação do Brazil não houve aqui movimento algum scientifico ou litterario. Em compensação, porém, começaram as relações das tres raças que teriam de formar a população futura desta parte da America; principiaram ellas a cruzar-se, foi-se operando a transplantação do *romanceiro* e dos contos portuguezes para o Brazil, e tambem o entrelaçamento destes com os cantos e contos tupys e africanos.

Assim os primeiros trabalhos historicos e topographicos sobre o paiz, e as primeiras investigações sobre a lingua dos aborigenes, são desta epocha. Comtudo os tres elementos estavam ainda muito desaggregados.

No seculo seguinte (XVII) já as cousas mudaram de aspecto; já foram então possiveis dous phenomenos singulares: primeiro —

a expulsão hollandeza feita exclusivamente pela iniciativa dos filhos da colonia, quasi sem o auxilio da metropole; segundo — a existencia de um Gregorio de Mattos.

O movel principal do primeiro acontecimento foi, sem duvida, um motivo religioso, —o odio á heresia. Mas é innegavel que um certo sentimento de patria já então irrompia do seio das populações brazileiras.

As tres raças acharam-se representadas em seus respectivos heróes: os *brancos* em Barreto de Menezes, os *indios* em Camarão, e os *negros* em Henrique Dias. (1)

Já era real tambem a existencia do *mes-tiço* representado em Calabar, — o espirito mais intelligente do seu tempo.

(1) Ainda que eu não supponha, como disse, Camarão, um *indio* e H. Dias um *negro* puro.

A nossa historia *official* fez de Calabar um renegado; é innegavel entretanto que aquelle mestiço comprehendeu que, a continuar este paiz a ser uma colonia da Europa, era preferivel que o fosse da Hollanda a ser de Portugal.

E elle tinha razão...

A superioridade da patria livre de Erasmo e de Spinoza era incontestavel sobre a terra de João III, a terra dos inquisidores e da sujeição hespanhola.

Quanto a Gregorio de Mattos, é elle o documento por onde podemos apreciar as primeiras modificações soffridas pela lingua portugueza na America e as primeiras manifestações do espirito nacional, onde predomina a *veia comica*, despertada pelo espectaculo das relações de tres povos diversos, que têm, cada um, certo timbre em *chasquear* dos outros.

No seculo XVIII o trabalho de integração popular tinha-se avantajado bastante. O com-

mercio havia progredido; o conhecimento do paiz avançado. As tres raças tiveram de quando em vez suas rivalidades e appareceram os phenomenos conhecidos sob o nome de *Quilombos dos Palmares, Guerra dos Emboabas, dos Mascates*. (5)

Acima de tudo isto a consciencia nacional tinha progredido; a idéa da *patria* como que amadurecêra, e a *Inconfidencia* vira a luz.

O espirito brasileiro é desde então um pouco avantajado ao portuguez. A *vis comica* actúa em Antonio José; a poesia lyrica voltâ-se para a natureza e produz Gonzaga, infinitamente superior aos lyricos da metropole. A lucta dos

(5) Os *Quilombos dos Palmares* foram dos fins do seculo XVII.

conquistadores e dos aborígenes desperta também o sentimento da verdade, e a epopéa torna-se naturalista com Basílio e Durão, immensamente preferíveis aos épicos do reino em seu tempo!

As fórmulas lyricas superabundaram. Nós demos então lições de naturalidade aos portuguezes, que as desprezaram pelo órgão de Bocage e Filinto.

O Sr. Th. Braga, romantico ainda recente e recente idealista, sectario de Hugo, Michelet, Quinet, com a precipitação anti-cientifica, que o distingue, depois que leu Lenormant (6) abandonou o *mosarabismo* com que explicava o espectáculo da litteratura portugueza, e voltou-se para o *turanismo*: agora vê *turanos*

(6) *Les Premières Civilisations.*

por toda a parte!... Si existe uma poesia lyrica no sul da Europa, é porque lá andaram os *turanos*; si este lyrismo tem certos pontos de contacto em diversos paizes... foram os *turanos*; si os gallegos tem um lyrismo aproximado ao dos portuguezes... *turanos*; si os cantos europeus passaram á America e alli conservam-se... é porque ahi encontraram os seus irmãos de raça, os cantos dos *tapuias*, que eram *turanos*!... E isto em nome dos ultimos avanços scientificos, quando justamente os derradeiros achados da sciencia desmentem a velha e pseudo-orthodoxa theoria de que os americanos vieram da Asia pela ponte *aleutica* ou pela *Oceania*.

As ultimas affirmações de Lenormant, repetidas sem criterio por Th. Braga, vem a ser: — que as raças humanas se reduzem a tres classes — *turanos*, *semitas* e *aryanos*; que a civilisação dos *turanos* precedeu as outras; que elles foram os descobridores dos metaes.

Ora, a divisão de todos os povos da terra em tres grupos é hoje insustentavel, depois dos novissimos trabalhos da linguistica e da anthropologia ; a existencia de algumas civilisações, não semiticas ou indo-européas, não produz só por si a prova de que ellas fossem de uma só especie e turanas ; a descoberta dos metaes, pelo que toca aos indios do Brazil é justamente um argumento contra o Sr. Braga. Nossos indios desconheciam o uso dos metaes ; não tinham, portanto, a caracteristica principal da pretendida raça *turana*. Para explicar, pois, a persistencia das fórmas lyricas no Brazil, não é mister fazer dos indios uns grandes poetas, nem mascaral-os de turanismo. A lyrica existiu sempre entre todas as raças.

Aryanos, semitas, uralo-altaicos, malaios, polynesios, dravidianos... todos conheceram o lyrismo, como um producto espontaneo do espirito popular. Para isto não se faz mister inventar parentellas phantasticas de raças.

Para explicar tambem o facto do naturalismo poetico dos brazileiros do seculo passado, devemos esquecer as aberrações de Th. Braga. O facto é simples: a presença de uma natureza brilhante, a juvenildade da nação que se ia formando, o predomínio das faculdades imaginativas n'um povo criança, tudo isto explica o lyrismo brazileiro. A variedade de seus tons prova-se pelas impressões diversas das tres raças, que contribuíram, cada uma, com a sua parte. A uniformidade dos moldes metricos finalmente demonstra-se pelo facto de uma só ser a lingua que foi predominando sobre as outras: a lingua do vencedor que imprimiu as suas fórmulas metricas e e estrophicas ás canções de todos. (7)

(7) O *turanismo* do Sr. Th. Braga começou a despontar em 1877 no *prefacio* ao seu *Parnaso Portuguez Moderno*: accentuou-se mais em 1878 na sua *Historia Universal*. Lenormant fez, quasi que por si só, as despezas desta transformação recente.

O seu positivismo, tambem de data proxima (*Constituição*

No seculo actual (XIX) nós precedemos os portuguezes na vida revolucionaria e constitucional.

Antes de seu insignificante movimento de 1820, nós havíamos tido os successos de 1817, antes de terem elles uma constituição, mais ou menos liberal, nós a tinhamos; antes de se verem livres de D. Miguel, tivemos a abdicção de D. Pedro. Em uma palavra, elles nada possuem que se possa equiparar aos nossos impetos revolucionarios deste seculo. (8)

O romantismo marca, intellectualmente, o primeiro passo decisivo que fizemos para deixar de lado a cultura lusa.

Positiva da Esthetica — 1875 e *Traços Geraes de Philo-
sophia Positiva* — 1878), não o garantiu contra fallaciosas
theorias ethnologicas.

(8) Os successos de 1817, 24, 31, 35, 42, 48.

Os nossos moços, de 1822 em diante, começaram a ler os escriptores francezes e inglezes de preferencia aos livros de Portugal.

E tinham razão: o velho reino havia feito completa bancarôta de idéas, e não tem passado neste seculo de infimo glozador dos desperdicios francezes.

Si continuassemos a pensar sómente pelo criterio dos livros de Lisboa, teriamos chegado, como já disse, á completa *paralysia intellectual*.

A maior vantagem, a meus olhos, que nos trouxe o romantismo, vem a ser este facto apontado; o seu maior defeito o ter pretendido concentrar exclusivamente, e em certo tempo, toda a poesia brazileira no circulo do *indianismo*.

Pela acção da Independencia, do movimento romantico e do enlarguecimento commercial, começamos a conhecer o mundo, e vimos a figura minima que Portugal ahi representa.

O velho reino perdeu definitivamente o encanto a nossos olhos.

Dahi certa exasperação que se tem, de tempos a tempos, apoderado dos escriptores portuguezes no seu modo de tratar o Brazil e os brazileiros.

Os casos das *Farpas* e do *Cancioneiro alegre* são ainda muito recentes. Ahi está um symptoma pathologico evidente da apathia intellectual do velho reino. Esbofa-se hoje em objurgatorias estereis, falhas de seriedade e de sentimentos elevados.

Entretanto o espirito imparcial irá descobrir que neste seculo a poesia lyrica brazileira excede a portugueza em brilho e verdade. Th. Braga reconhece este facto ; é que este escriptor, apesar de seus arrojamentos gratuitos, tem mais senso critico do que o geral de seus compatriotas. (9)

(9) *Parnaso Portuguez Moderno*, 1877.

O romantismo no Brazil atravessou phases diversas : o primeiro momento foi de caracter *religioso*, ao gosto das *Meditações* de Lamartine. Gonçalves de Magalhães symbolisa esta feição. Seguiu-se o nacionalismo *á outrance*, por meio do *indianismo* de Gonçalves Dias. Depois veio a epocha *sceptica*, á moda de Byron e Musset. Alvares de Azevedo, B. Guimarães, Junqueira Freire e Casimiro de Abreu são os seus melhores representantes.

Despertou em seguida o *naturalismo bacchico* de Varella e outros. Estava ainda em vigor esta tendencia, quando em 1862, no terreno do jornalismo, antes da reacção de Coimbra, em Portugal, entre nós a escola do Recife reagiu contra os nossos pretensos chefes por meio de Tobias Barreto e seu discipulo Castro Alves.

Este movimento, de caracter revolucionario, propagou-se por todo o paiz, acordando deci-

dido entusiasmo na escola de S. Paulo e no Rio Grande do Sul. (10)

Dividiu-se depois em dous grupos, um critico-scientifico symbolisado nos *Cantos do Fim do Seculo*, e outro que se chamou especialmente *realista*, mistura do gosto de Zola e Richepin com os idéas de Baudelaire.

Esta ultima fórmula conta como adeptos quasi todos os novos poetas do Brazil, o que explica-se pelo attrahente da *besogne*.

(10) Não foi sómente o movimento poetico que retumbou com força na provincia do Rio Grande.

As novas idéas criticas e philosophicas inauguradas no Recife, e que abriram a segunda phase da vida intellectual de Tobias Barreto, foram bem acéitas naquella parte do Imperio. Contribuiu efficazmente para isto o apoio que lhes prestou o sabio escriptor allemão-brazileiro Carlos de Koseritz. A escola, pois, a que o auctor deste ensaio filiou-se, e cujas doutrinas desenvolve e defende a seu modo, muito deve á poderosa collaboração do distincto auctor de *Roma ante o Seculo*, que aliás antes de nós os do norte já pussua a grande intuição mecanica do universo.

Esta é a ordem chronologica na successão dos diversos momentos da idéa poetica neste seculo no Brazil.

E' facil, porém, de ver que alguns movimentos foram quasi simultaneos. A acção de Varella, por exemplo, foi contemporanea da de Tobias. A idéa varelliana, comtudo, é um tanto anterior á do escriptor sergipano. Quando o cantor das *Vozes da America* foi assistir no Recife ao apparecimento revolucionario de Tobias Barreto e Castro Alves, já elle levava um nome feito de S. Paulo, já tinha seu systema completo, e foi rebelde á acção dos dous *innovadores* do norte.

O auctor destas linhas, chegando ao Recife, achou Varella e Castro Alves ausentes, para pouco depois morrerem; e encontrou Tobias voltado para a critica. Mas os acontecimentos eram recentes.

No seu tempo a escola pernambucana tomou as duas direcções simultaneas acima indicadas;

a dos *Cantos do Fim do Seculo* e a especialmente *realista* de Celso de Magalhães, Souza Pinto e outros.

E' esta a tendencia que predomina hoje no Rio de Janeiro e na escola de S. Paulo. Esta ultima, nos derradeiros cinco annos, conta uma pleiade brilhante de jovens de talento que vão levando decidida vantagem á sua rival do Recife.

O movimento emancipador e critico partiu, é verdade, da capital do norte; mas S. Paulo agora tem a primasia.

Não sei se vai nisto algum engano; mas pelo que tenho lido, os continuadores mais intelligentes e aproveitaveis da nova fórmula da poesia nacional, com quem quizera estar de accôrdo, si certas idéas, que, talvez erroneamente, julgo mais exactas, m'ò permittissem, estão em S. Paulo.

O leitor comprehenderá, sem esforço, o motivo por que insisto nesta circumstancia, que

parece minima. E' que os nossos mais alentados movimentos poeticos têm sempre partido do seio das nossas faculdades de Direito. A vantagem ora está n'uma escola, ora na outra. Por outro lado, nas artes, como a pintura e a musica, neste seculo, levamos incontestavelmente vantagem aos portuguezes.

Elles não tem um Carlos Gomes, Mesquita ; um Pedro Americo ou Victor Meirelles.

Ainda mais, por nossa vivacidade, um pouco mais activa que a dos portuguezes, antes delles, nossa geração actual começou a estudar e a seguir as idéas de Comte e Darwin. Tambem os antecedemos nas longas viagens terrestres, como as de Couto de Magalhães.

A primeira collecção de contos anonymos, publicada em lingua portugueza, foi a deste viajante sobre as lendas *tupys*.

Os escriptores brazileiros dos quatro ultimos seculos podem ser divididos, na medida de

seu merito, em primarios, secundarios e ainda terciarios.

Na primeira categoria só devem ser collocados aquelles espiritos de valor, que, por sua acção energica, representem um principio qualquer de differenciação nacional e de incentivo de progresso. Eu só conheço seis escriptores neste caso no Brazil :

Gregorio de Mattos, que indica, pela satyra e pelo cynismo, um momento psychologico da lucta dos tres povos que iam constituindo a actual população do Brazil, e onde começa a consciencia nacional a despontar ; Gonzaga, que personalisa a transformação do velho lyrisimo portuguez conservado na America ; Durão, que nos faz aproximar da natureza, desprezando os moldes classicos, e desperta a consciencia *brazileira*, lembrando-nos que nós não eramos só descendentes de portuguezes, mas que outras raças, como a dos *caboclos*, nos tocavam de perto ; Martins Penna, que, achando

Já a patria constituida, symbolisa o ridiculo popular contra a chata burguezia (herança portugueza) dos tempos da Regencia e do segundo reinado; Alvares de Azevedo, que, por meio da poesia, lançou-nos na alma as duvidas da velha Europa, indo procurar as suas inspirações sempre longe de Portugal, ensinando-nos assim o cosmopolitismo moderno; finalmente, Tobias Barreto, que, como poeta, resume todos os outros, e, como critico e politico, despertou-nos de nosso atrazo, retalhando bem fundo as chagas de nossa miseria de povo inculto e semi-barbaro, provocando uma reacção benefica.

Fóra destes seis, só conheço typos mais ou menos secundarios, sem grande individualidade, sem alto valor significativo.

E' possivel que a alguns leitores do Rio de Janeiro, proporcionalmente o logar mais atrazado do Brazil, espiritos ainda imbuidos de luzismo, afigure-se incontestavel até hoje a

grande importancia das lettras portuguezas. Nas provincias eu sei bem que ningem mais jura na santa palavra dos pontifices do Tejo. Para o publico fluminense atrevo-me aqui a depôr ainda algumas notas sobre o desenvolvimento intellectual da antiga colonia neste seculo.

Sem entrar detalhadamente em questões de preferencias, que são sempre decididas ao sabor de nossos caprichos, ainda aventuro algumas reflexões que me não parecem destituidas de fundamento.

Tanto o Brazil como Portugal fazem mesquinha figura no quadro das nações cultas, e o movimento espirital em ambos os paizes é quasi insignificante.

Entre aquillo que é mediocre e quasi nullo é obvio que se não deve muito distinguir.

Basta apreciar os dous momentos mais decisivos na vida pensante dos dous paizes neste seculo: a evolução *romantica* e a *critico-positiva*.

Naquelle, em Portugal, distinguiram-se muitos espiritos medianos, e os vultos de mais brilho foram: Herculano, Garrett, Castilho, Mendes Leal, Rebello da Silva e Castello Branco.

Taes escriptores, porém, que a nossa ignorancia, a par da ignorancia portugueza, tem levantado á altura de semi-deuses, não passam de figuras de terceira ou quarta ordem, cotejados pelo padrão dos *representative men* da romantica européa.

O proprio Herculano, o maior de todos, o que é ao lado de um Mommsen, de um Gerwinus, de um Ranke, como historiador? O que é elle, como poeta, em face de um Goethe, de um Schiller, de um Byron, de um Hugo? Como critico, religioso ou litterario, diante de um Strauss, de um Taine? Como estylista, á face de um Renan, de um Thierry?... Creio que a idolatria de alguns portuguezes não subirá ao ponto de duvidar na escolha, si é que de idolatras se póde esperar algum discernimento.

Nós outros, os brasileiros, nesse tempo tivemos os nossos: Magalhães, Gonçalves Dias, Azevedo, Alencar, Macedo e Varnhagen, que bem se podem pôr em paralelo com os portuguezes citados. Não mui grandes, como são, pouco têm a invejar aos seus rivaes luzos, si é que lhes devem invejar cousa alguma.

Si a *Historia do Brazil* de Varnhagen não é comparavel á *Historia de Portugal*, Herculano, por sua vez, nada possui que se possa comparar ao trabalho do nosso historiador: *Les origines touranniennes des Américains Tupi Caribes*.

Na epocha actual de evolução e desenvolvimento critico, tempo imbuido de idéas positivas, Portugal apresenta a mesma inferioridade diante da Europa culta.

O que são os seus Bragas, Coelhos, Cordeiros, Oliveiras Martins... em face da brilhante pleiade de jovens escriptores allemães, inglezes e até italianes, que illustram a epocha actual?

O velho reino não vae bem ; a superioridade que suppõe ter sobre nós, é meramente occasional e apparente. O que elles assim denominam, não passa de mais um pouquinho de espirito litterario, proveniente de sua maior cohesão social, que, por seu turno, é um resultado todo negativo, por ser filho da estreiteza do paiz.

Não é isso uma superioridade real e que os faça levantar a cabeça um pouco além do permittido.

Ainda mais, Portugal só tem uma vantagem positiva sobre o Brazil e que dá grandes proventos aos seus escriptores : o contar neste paiz uma opulenta colonia, que, para fartar a nostalgia, é a principal consumidora de seus productos.

A este imperio falta-lhe isto ; o pouco que produzimos não é lido, nem tem sahida no mercado, á mingua de espirito litterario e de cohesão nacional.

Aos quatro corypheus portuguezes, por ultimo citados, temos a oppôr nossos escriptores recentes : Couto de Magalhães como ethnologo, Barborsa Rodrigues como naturalista, Baptista Caetano como philologo, Ladisláu Netto como botanico e Araujo Ribeiro (o fallecido visconde do Rio Grande) como geologo.

Não creio que a sciencia esteja menos dignamente representada por estes illustres auctores do que pelos bons portuguezes lembrados.

Si os nossos antagonistas os não conhecem, procurem minorar tal indigencia pondo-se um pouco mais a par da evolução espirital americana, para não abundarem em disparates quando houverem de fallar a nosso respeito.

Dizem, porém, os encomiastas desajuizados das lettras luzas que nada temos a oppôr, na orbita das idéas emancipadoras, a um Ortigão, um Eça de Queiroz, um Guerra Junqueiro...

E' simplesmente opiniatico. Como já fize-

ram de Herculano um sem rival entre os historiadores contemporaneos, em breve irão fazer de Ramalho um commensal de Comte, de Spencer, de Buckle... quem sabe si não tambem de Haeckel e Darwin?! ...

O innocente auctor de — *Em Paris*, — escriptor que melhor se tem distinguido por sua habilidade de pamphletario nas *Farpas*, será de prompto transformado em um dos oraculos da sciencia positiva! ...

Nem tanto assim... Aqui tambem ha livros e aqui tambem estuda-se. Não nos queiram illudir com despropositos. Nós outros tambem temos criticos e poetas, philosophos e escriptores, munidos das novas idéas, que o positivismo e o darwinismo tem espalhado pelo mundo.

Tambem contamos anti-romanticos anti-metaphysicos, e sectarios entusiastas do monismo scientifico. São elles, para não fallar de alguns outros: Tobias Barreto, de Pernambuco, Guedes Cabral, da Bahia, e Pereira Barretto,

de S. Paulo, a que se podem addir os jovens escriptores Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Lopes Trovão e José do Patrocínio.

Si alguns destes espiritos que mourejam quasi incognitos nas provincias, são como inexistentes para o publico fluminense, a culpa não é delles. Accusemos antes a nossa presumpção, que nos leva a crêr que o Brazil é a *rua do Ouvidor*... que os nossos homens são sómente os que fazem discursos no parlamento, para obterem as palmas dos enfastiados e os applausos dos dilettantes.

Si aquelles escriptores, com todo o valor que os distingue, permanecem obscuros, é que não vivem os embates da *claque* fluminense, ou lisboeta, e differente é o viver desgarrado pelas vastas provincias deste Imperio do estar ao conchego amigavel e animador que encontram os seus *pares* em Lisboa, por exemplo.

Assim, minha conclusão é que não ha superioridade de Portugal para o Brazil; ambos

os paizes têm o privilegio de produzir epygonos ; ambos vivem ajoujados á mediocridade que os distingue.

Para que então fazer seleccões e ter preferencias ?

Taes parallellos, além de peccarem por falta de base scientifica, trazem sempre o sainete dos odios nacionaes, que se não devem avivar.

Não é meu empenho passar agora revista ao que no Brazil se tem escripto nos diversos ramos do saber humano ; antes, porém, de concluir perguntarei aos portuguezes :

— Si tanto vos ufanaes do vosso Herculano, e, por seu amor, já vos suppondes tão distanciados de nós, que acréditaes levar-nos vantagem pela intelligencia, tambem haveis de leval-a nas artes : e onde estão os vossos — Carlos Gomes, Victor Meirelles e Pedro Americo?

Não os conhecemos ; no mundo artistico executeaes o velho dito de Tacito : « Brilhaes pela ausencia. »

Eu disse algumas linhas atraz que a feição *realista* vae predominando hoje em nossa poesia, e é exacto.

Não me sinto em disposição de espirito de tratar de novo desta questão, entre outros motivos, porque aceito o dito de Julian Schmidt: «é uma prova de incultura ainda vir hoje discutir sobre a questão vencida do *idealismo e realismo*. (11)

Devo, porém, notar que esta ultima palavra foi mal escolhida pela nova, ou antes pela que se suppõe, nova escola.

Sabe-se que a philosophia allemã contemporanea chama as actuaes conquistas do espirito de *realismo scientifico*, o qual muito se dis-

(11) No artigo *Realismo e Idealismo*, inserto no *Movimento*, em 1872, Recife, e n'um artigo sobre as *Poesias* da Sra. Narcisa Amalia, publicado na *Republica*, do Rio, em 1873, discutimos a questão.

tingue do pretendido *realismo litterario*. Si, pois, o nosso *realismo poetico* pretende pôr-se de acôrdo com as grandes vistas da sciencia, não procurando ao menos contrarial-as, elle tem toda a razão de ser, e todos o acompanharão com fervor. Mas, si entende que *a ultima fôrma que tomou o lôdo do Sena*, como tambem dizem os allemães, é a suprema e unica verdade em litteratura, illude-se tristemente.

Si acredita que com retratos, mais ou menos descarnados, das *podridões sociaes*, achou a ultima palavra da perfectibilidade, engana-se.

O velho sestro das pinturas aphrodisiacas e picarecas é um antigo peccado romantico, amigo do passado, existente em todas as litteraturas nas epochas de decadencia.

Não seria difficil, partindo dos tempos antigos, agarrar esse pobre mono pela orelha, e através da Grecia, de Roma, da idade média, puxal-o até Portugal e, no seculo passado,

apreciar os seus esgares no celebre *setimo* volume de Bocage!...

Neste seculo bem tolo será aquelle que, compulsando as poesias, romances e dramas romanticos, não descobrir as orelhas do macaco.

A aphrodisiaca, a erotica litteraria, é velha como o *Corcovado*; e não era mister que Zola nol-a ensinasse, a nós que a tinhamos de sobra nas *galhofas* de nossas mulatas e nas pilhérias do *Album da Rapaziada*...

Mas eu não desconheço que o realismo, o *falso e nullo realismo*, já preveniu esta objecção, que o feria de morte. Elle diz: «aquillo que os romanticos faziam por *alegria*, nós o fazemos por *tristeza*, isto é, elles deliciavam-se com a infamia e nós queremos corrigil-a; elles a pintavam como consocios, nós a pintamos como adversarios; elles a queriam perpetuar, nós a queremos extinguir!...»

Muito bem! Si assim é, ainda neste caso, o programma não é novo, nem é vosso.

Sobre as pinturas escandalosas choraes algumas lagrimas de *velho pessimismo*... Deveis lembrar-vos, que antes de vós, já Byron e Leopardi tinham esgotado esta veia.

Sim; a poesia, o romance, o drama, a litteratura toda emfim, deve ser *realista*, quero dizer: deve estar de accôrdo com a natureza, com a verdade, com a sciencia; deve ser um echo fiel da verdade *humana*.

Ora, esta é multipla, variada, complicadissima, tem aspectos diversos, e, por certo, a sua face minima é a que o neo-realismo apanhou, para sobre ella estender-se.

Eu não contesto a veracidade de muitas das scenas dos livros da nova escola. O defeito desta, porém, está em ter-se voltado para certo lado da montanha e suppôr que dalli descortina todo o ceu.

Sempre que uma fórmula só da realidade, um lado exclusivo dos factos, pretende impôr-se pela verdade toda, temos ahi um phenomeno

de pouca duração. A natureza reage e o systema cede. E' o que se deu com o romantismo: entendeu que devia chorar de mais, e acabou por *ensandecer*.

O mesmo acontecerá com o *neo-realismo*. Acabará rheumatico, como um sandeu tornado impotente pelas orgias.

A boa poesia é aquella que tem uma nota para todas as harmonias humanas. A tristeza, a alegria, a dôr, o enthusiasmo, o crime, a honra, a virtude, a devassidão, todas as faces da vida humana podem e devem ser vistas.

O bom realismo é aquelle que interpreta tudo isto. O mau — aquelle que vive a rimar fingidos casos eroticos, sem graça e sem elevação, desgostando-nos até das doces illusões da materia. Oxalá que alguns soubessem repetir a realidade da *belleza prostituida*; mas nem isso!

Uma obra d'arte é tanto mais *ideal* quanto

mais fielmente reproduz a realidade. E' um conceito velho e verdadeiro.

Porque é que se diz que uma estatua de Phidias representa o *ideal* na arte respectiva? Justamente porque o celebre estatuario reproduziu a *verdade* das cousas. Porque é que uma lei astronomica de Newton é o *ideal* na respectiva sciencia? Porque uma lei concebida pelo grande sabio é uma fórmula comprehensiva e explicadora da evolução *natural* dos astros. O que de mais *ideal* e ao mesmo tempo mais *real* do que um axioma geometrico?

Nenhum homem de bom senso admittirá, pois, que, na hora actual, toda a humanidade tenha ingerido uma boa porção de *cantharidas* e esteja toda ella... entregue ás seducções de Aphrodite!

Já vêem os nossos talentosos rapazes de hoje que o circulo da poesia é muito vasto e não se abrange todo elle só com o raio de que dispõem.

« O romancista, o poeta, deve estudar o homem *no seu trabalho.* »

Fecundas palavras de um auctor germanico, que exprimem o grande, o bom *realismo.* Mas... isto não nos veio de Paris, e nós preferimos trajar ainda e sempre á franceza.

INDICE

Introdução	5
----------------------	---

PRIMEIRA PARTE

ORIGENS E TENDENCIAS

I A Raça	19
II A Direcção	33
III A Rotina	57
IV A Critica	79

PARTE SEGUNDA

O ROMANTISMO NO BRAZIL

I Seu Ponto de Partida	93
II Seu Desenvolvimento	109
III O Romance e o Drama	127
IV O Nacionalismo Litterario.	139

EPILOGO

Synthese retrospectiva. O momento actual	165
----------------------------------------------------	-----

Obras do mesmo auctor

SÉRIE

Oito annos de jornalismo :

PUBLICADAS :

A Philosophia no Brazil
Cantos do Fim do Seculo
A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna

Á PUBLICAR :

Paginas de Critica
A Poesia Contemporanea
Cantos e Contos do Povo Brasileiro
O Poema das Americas
A Caaba de um Sonhador

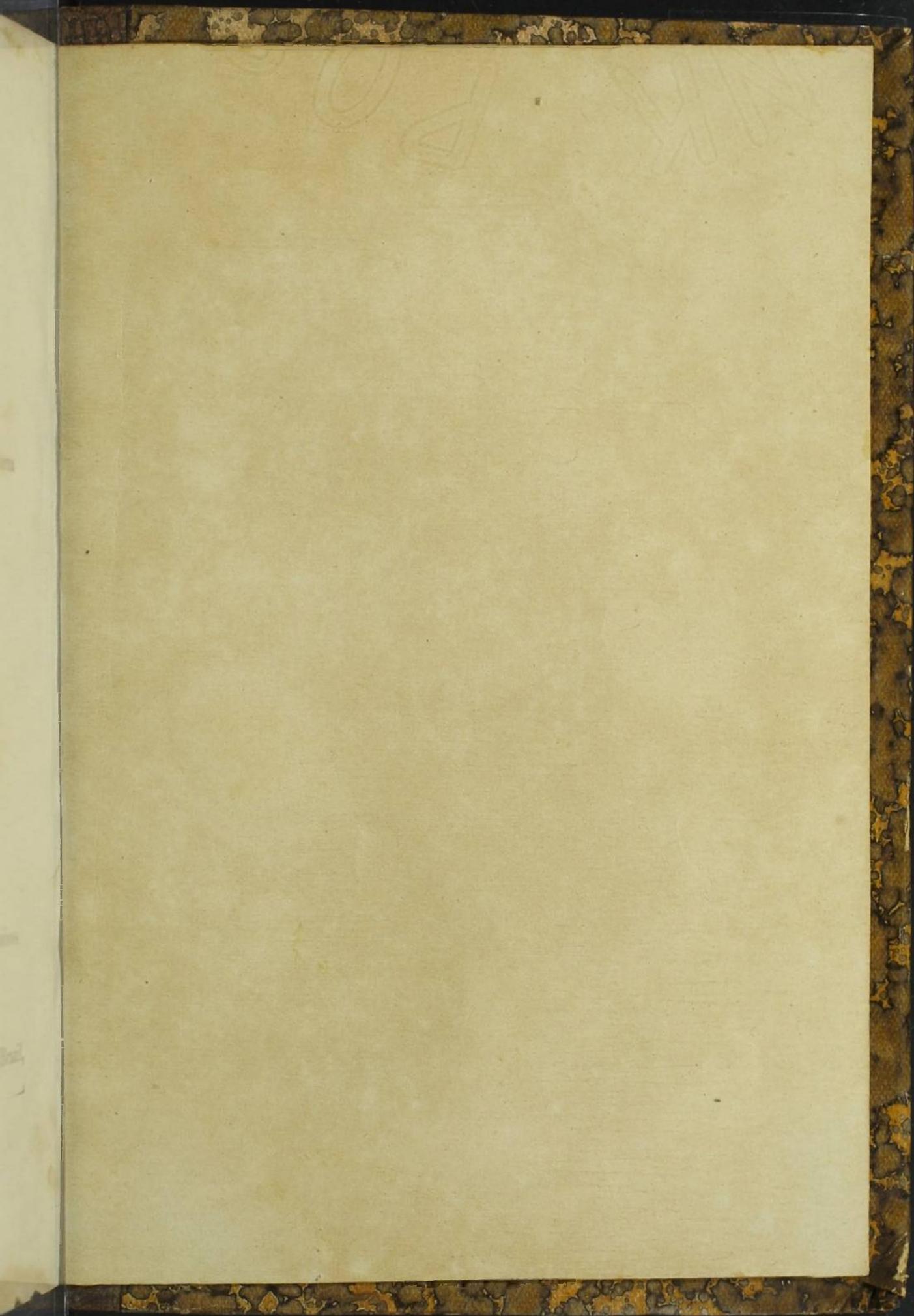
ALÉM DA SÉRIE

PUBLICADAS :

Ethnologia Selvagem (opusculo)
Interpretação Philosophica dos factos historicos
(opusculo)

Á PUBLICAR :

A Sciencia Politica e os Pygmeus do Brazil,
(Critica parlamentar)



24981

